



Revista Aspas
ppgac - USP

DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v8i2p166-229

Forma livre

LISA ROCK
UMA FANTASIA SOBRE OS ÚLTIMOS
E OS PRÓXIMOS 50 ANOS

(DEUS ESTÁ MORTO, MARX TAMBÉM E EU
MESMA NÃO ME SINTO MUITO BEM)

Jairo Arco e Flexa

A ação desta peça se desenvolve em dezenas de diferentes locais de ação. Na maioria das vezes, tratam-se de ambientes que não estão nem precisam estar claramente definidos, por servirem basicamente de transição ou pontuação entre cenas mais extensas.

De qualquer modo, sejam curtas ou longas, as cenas da peça requerem um mínimo de elementos materiais para indicar os ambientes em que se passam. Em muitos casos, para caracterizá-las, basta um correto efeito de luz. Ao longo do texto, a descrição dos locais de ação, bem como dos efeitos de luz e de som, será sempre a mais sumária possível.

Muito importante: apesar do grande número de personagens, a peça pode perfeitamente ser encenada com apenas seis intérpretes que se revezem nos diversos papéis. Somente a intérprete de Lisa, a protagonista, deverá se limitar unicamente a esse papel, atribuindo-se aos demais atores tantos personagens quanto lhes for possível desempenhar ao longo da peça.

Palco no escuro. Ouve-se uma voz.

VOZ – Atenção para a contagem regressiva dos oito segundos: oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um.

Acende-se uma luz. É um estúdio de TV.

PRESIDENTE – Amigos, é uma grande felicidade estar aqui, falando a vocês todos, graças ao milagre da eletrônica. Sim, um autêntico milagre, porque, conhecendo como nós conhecemos a nossa tecnologia, só pode ser mesmo um milagre que essa geringonça funcione. *(Em outro tom.)* Vivemos um momento histórico, porque dentro de mais alguns dias, com a graça de Deus, iremos enfim detonar nossa primeira bomba atômica, a Candango Um, produto de uma empresa que, para orgulho de nossa modernidade, foi inteiramente privatizada. Logo mais estaremos exportando energia nuclear para todos os

países coirmãos do Quarto Mundo, resolvendo assim o único problema que ainda aflige nossa pátria, esse oásis de tranquilidade em meio a um mundo tão conturbado. (*Magnânimo.*) Com efeito, caríssimos patrícios, apenas um pequeno detalhe separa nossa pátria de seu grande destino, e esse detalhe, como sabem todos, é a nossa imagem no exterior. (*Inflamando-se.*) Mas, ao contrário do que vocifera essa oposição que só destrói e nada constrói, não temos de que nos envergonhar. (*Em outro tom.*) Porque a verdade é que, no que diz respeito à nossa imagem, pior do que está ela não pode ficar. Em outras palavras, daqui pra frente ela só pode melhorar. (*Sorridente.*) Detonando a Candango Um, vamos nos transformar, enfim, na grande potência que merecemos ser. (*Sem conseguir disfarçar uma ponta de mágoa.*) Teremos o direito de participar das reuniões dos grandes. E um dia seremos maiores que todos eles. Nesse dia, finalmente, o mundo inteiro vai se curvar diante de nós! (*Triunfante.*) Hoje, a Candango Um! Amanhã, o mundo!

Efeito de sonoplastia retumbante. Mudança de luz.

NARRADOR – Mas atenção, que não é em época tão atual, muito menos nesse buraco do Quarto Mundo, que começa a história de Lisa Rock. É na outra América que ela começa, a América Real, maior potência do mundo ocidental (*mudando o tom*), numa década já distante, quando o sonho apenas começava. (*Sai de cena.*)

Mudança de luz. Sonoplastia: ruído de explosões e sirenes de polícia: sons de passeata. Reitoria de uma universidade. Surge o secretário assustado.

SECRETÁRIO – Sr. Reitor! Sr. Reitor, depressa!

REITOR – Calma, calma, vamos lá, o que está acontecendo?

SECRETÁRIO – São os estudantes, Vossa Magnificência. Eles vêm vindo. Estou com medo.

REITOR – Medo por quê? Algum perigo à vista?

SECRETÁRIO – *(Olhando por um binóculo)* Acho que sim, Vossa Magnificência. Muitos cartazes e faixas. É um protesto!

REITOR – E daí? Desde que protestem dentro da universidade, não tem problema. Já pensou se fossem protestar lá fora, no mundo real, o estrago que ia ser?

SECRETÁRIO – Mas Vossa Magnificência! Eles podem danificar as instalações!

REITOR – Ora, não vão destruir nada, são de boa família. Pensando bem, seria até um favor se derrubassem aquela ala velha do laboratório de química.

SECRETÁRIO – Mas Vossa Magnificência, o aspecto ideológico!

REITOR – *(Magnânimo)* Esses protestos são consequência do espírito generoso e inquieto da juventude... abstrações. Enquanto eles gastam sua energia com abstrações, não há porquê se preocupar.

SECRETÁRIO – Vossa Magnificência!

REITOR – Vossa Magnificência, Vossa Magnificência! É só isso que você sabe dizer? Quantos estão na manifestação?

SECRETÁRIO – Devem ser umas... cinquenta pessoas.

REITOR – *(Pega o binóculo)* Pelo que estou vendo, há pelo menos três alas de esquerda na passeata. *(Observa atentamente pelo binóculo.)* Quem é aquela moça lá no meio, pulando e cantando? *(Passa o binóculo.)*

SECRETÁRIO – Não conheço, Excelência.

REITOR – Seu estilo não se enquadra em nenhuma das 25 alas de esquerda que temos registradas. Bem, aí vêm eles. Vejamos o que querem.

SECRETÁRIO – Senhor Reitor, cuidado! Eles são perigosos, fumam uns cigarros de cheiro horroroso, não são como os jovens de outrora!

REITOR – Chega, já disse! Não vai me assustar! Serei franco, sincero e cristalino com eles. Ouvirei com o maior carinho tudo que têm a me dizer.

Os manifestantes entram com faixas, cartazes.

REITOR – Meus jovens, aqui estamos para retomar um diálogo que fora abandonado. E, antes que digam qualquer coisa, estejam certos de que reconhecemos a quem cabe a culpa por esse abandono. Mea-culpa, mea-culpa, mea máxima culpa. Mas, apesar disso, estejam certos de que não guardo rancor contra vocês. Tudo são arroubos da idade, tudo é a juventude em sua marcha inquieta!

ESTUDANTE 1 – Fora, fascista!

ESTUDANTE 2 – Palhaço! Lacaio da burguesia!

ESTUDANTE 3 – Assassino!

SECRETÁRIO – (*Afetado, usando um linguajar que julga ser jovem.*) Bem, esperem aí, bichos, (*vaia dos estudantes*), deixem o homem falar!

REITOR – Eu gostaria de saber, meus filhos, qual o impasse? Qual o obstáculo? Qual o óbice para um maior entendimento?

ESTUD. 1 – A gente não veio aqui pra conversar!

ESTUD. 2 – Isso é uma manifestação!

ESTUD. 3 – Estamos aqui pra protestar!

REITOR – (*Sorridente*) Protestem à vontade, meus filhos. Poluição e contestação são sinal de civilização! Portanto, se vocês nos mostrarem suas reivindicações por escrito, para sabermos o que estão pleiteando...

ESTUD. 1 – Pera aí, que papo é esse? Aqui ninguém está reivindicando porra nenhuma, estamos exigindo, bicho, exigindo.

VOZES – Falou. Falou.

ESTUD. 1 – (*Atira uma lista enorme.*) Aí estão os itens principais.

REITOR – Mas... não parece a vocês um pouco excessivo? Um tanto longo, vou demorar até ler tudo isso.

ESTUD. 1 – Corta essa! Não temos tempo para perder! Tem que resolver agora!

VOZES – Isso! É pra já! Aqui e agora!

REITOR – Ora, calma, rapazes, é conversando que a gente se entende.

ESTUD. 1 – O senhor não percebe que a gente está com pressa, temos uma passeata para as três horas, e não podemos perder tempo.

REITOR – Bem, mas alguns itens não têm razão de ser, por exemplo, “integração racial”. Essa universidade está racialmente integrada há mais de dez anos – todos os rapazes de cor que vêm para cá têm sido recebidos de braços abertos. *(Vaias.)*

ESTUD. 1 – Sem essa, homem. Quantos negros entraram nessa escola nos últimos cinco anos?

REITOR – Bem, assim de momento, não temos a cifra exata...

ESTUD. 1 – Qual é, diz de uma vez, quantos foram?

REITOR – Bem, não quero me enganar nas cifras...

ESTUD. 1 – Quantos?

REITOR – Ahnnn... Dois.

Lisa Rock entra impetuosamente.

REITOR – Positivamente, dois! Portanto, cem por cento dos estudantes de cor que se apresentaram foram aceitos e receberam seus diplomas!

LISA – Mas o caretão aí é muito hipócrita, hein? Dos milhares de crioulos que tem nessa cidade só dois entraram na universidade e o babaca ainda se bacaneia!

REITOR – Portanto, esse item de integração racial já está plenamente atendido.

LISA – Olha aqui, Magnificência// vê se corta logo essa// e nos atenda bem depressa// que temos pouca paciência! *(Para o Estudante 1.)* Ô, Pedrito, não sacou que desse jeito não se consegue nada? O negócio tem que ser na minha base// pois entramos em outra fase// o caso agora é na porrada// se não ficamos a ver navio// e nos mandam à puta que o pariu!

REITOR – *(Para o Secretário)* Quem é essa que está falando?

SECRETÁRIO – É aquela moça que o senhor perguntou, Magnificência. Também não conheço.

REITOR – (*Magnânimo*) Adiante-se, minha filha. Qual é o seu nome?

LISA – Lisa. Lisa Rock, número 08179244613.

REITOR – E o que deseja, minha filha?

LISA – Em primeiro lugar, esse sistema não dá oportunidade aos negros! O crioulo que sai da universidade com um diploma não encontra lugar para trabalhar!

REITOR – (*Transbordante de regozijo*) Aqui não ocorre esse tipo de problema. Cem por cento dos estudantes de cor diplomados por nós trabalham aqui mesmo, na universidade.

LISA – Sim, um é segurança e o outro é o ascensorista-chefe! Desse jeito não está legal!// Escute bem, Magnificência, // queremos mudanças radicais, // integração a mais total// e tudo isso com a maior urgência!

REITOR – Mas a Lei garante tudo isso. Aliás, eu, pessoalmente, aprecio muito esses jovens de cor, uma musicalidade fabulosa, grande senso de ritmo. Têm lá seus direitos, como não?

LISA – Esse papo já era. Queremos mais, muito mais.

SECRETÁRIO – Não vejo como, mocinha.

LISA – Integração de verdade, sem papo furado. Vamos integrar os dormitórios também.

REITOR – Como? Bem, rapazes de cor junto com os outros, cremos que...

LISA – Nada disso, a integração geral, racial e sexual! Dormitórios comuns para moças e rapazes!

REITOR – Mas o que é isso? Você está brincando?

LISA – Olha aqui, meu senhor, acha que se eu estivesse com vontade de brincar ia ficar aqui, olhando para a sua cara? Queremos integração racial e sexual! (*Desenrola um imenso abaixo-assinado.*) Isso é pra começo de conversa! Estamos aqui com duas mil assinaturas pra garantir isso!

REITOR – Já é demais! Nem vou receber uma coisa dessas! O que estão pensando? Isso é uma loucura!

LISA – *(Pequena pausa)* Quer dizer que não vai atender?

REITOR – De jeito nenhum!

LISA – *(Para os outros)* Pessoal! Não vão respeitar nossos direitos! Vamos lá, minha gente! Vamos fazer uma passeata!

REITOR – Espere aí, menina, não façam isso, vão estragar os canteiros do jardim!

ESTUDANTES – É hora da verdade! Queremos liberdade!

REITOR – Desordeiros! Irresponsáveis!

LISA – Igualdade racial! Total! Sexual!

ESTUDANTES – Nós somos barrados dos chuveiros femininos!

LISA – Me expulsaram do dormitório masculino!

ESTUDANTE – Isso é segregação! Discriminação!!! postura mais quadrada// que tem que ser retificada!

REITOR – Juventude, juventude!!! cortem essa inquietude!!! embarquem na nossa canoa!!! Pois ela é que é boa!

LISA – Cada qual tem o seu lado // já falei e tá falado... essa gente só acata// nossa força em passeata// Vamos lá com nossa luta// e até logo, seu filho...

REITOR – *(Cortando)* Para! Para! Malcriados! Nem parecem universitários! O que estão fazendo?

LISA – Estamos ocupando a Reitoria! É uma manifestação de protesto contra a universidade repressora!

REITOR – Olhe aqui, moça...

LISA – Moça? Ah, essa não! Me chame do que quiser, de Lisa, de cara, de dona e, se quiser fingir que é atualizado, me chame até de bicho, mas não me chame de moça. A última moça que havia neste Estado morreu em 1957 e, quando morreu, já tinha 76 anos. Agora, vamos lá, minha gente! Vamos ocupar essa universidade!

Saem na maior algazarra.

NARRADOR – Quinze passeatas depois...

LISA – O senhor mandou me chamar?

REITOR – Mandei. Sua baderneira! O que você está pretendendo, me levar à loucura?

LISA – Ora, do que o senhor está falando?

REITOR – Estou falando da anarquia que você provocou na minha universidade. Durante mais de um século esse estabelecimento foi um motivo de orgulho para todo o Estado. E você em apenas seis meses quase acaba com a nossa reputação. Mas agora você me paga! Vou acabar com essa sabotagem de uma vez por todas!

LISA – Mas o que foi que eu fiz?

REITOR – E você ainda pergunta? Em seis meses de universidade você organizou quinze passeatas, sequestrou um computador e levou metade do corpo docente a um colapso nervoso. Você transformou o ginásio de basquete num centro de treinamento de guerrilheiros. (*Perdendo o controle dos nervos e da sintaxe.*) Tem um bebedouro no Departamento de História que em vez de sair água sai ácido lisérgico. Não sei como você consegue fazer tudo isso, mas garanto que não vai fazer mais. Fora! Desapareça desse campus!

LISA – O senhor está me mandando embora?

REITOR – Exatamente! Você está expulsa da universidade!

LISA – E o senhor dizia que era um liberal!

REITOR – E sou! Porque, se não fosse, eu te metia uma bala na cabeça! Mas, como sou um liberal, estou apenas te expulsando!

NARRADOR – Expulsa da universidade// Lisa enfrenta a grande cidade// vagando pelas ruas fica a pensar// na vida nova que irá enfrentar.

LISA – *(Caminhando pelo palco com três amigos: Lucas, Arty e Black and Black.)*

Pra minha vida poder tocar

Um emprego convém arranjar.

Mas tem que ser algo que me agrade,

Pois onda careta, nem pensar;

Comerciária, secretária, arquivista, assessora, // professora, contadora, analista, auditora, // mas que sociedade mais furada! // Tudo que é profissão tem de ser quadrada!

(Em outro tom) Agora, aqui entre nós: muito embora diletante, // sempre gostei de cantar // e se der um passo adiante // e uma profissional eu me tornar?

Mudança de luz e som.

NARRADOR – Como aspirante a artista // Lisa vê se conquista // um espaço no mercado // para dar o seu recado. // Mas, até a fama alcançar, // quanta coisa ela tem de enfrentar!

Mudança de luz e som. Lisa e seus amigos vão falar com o Empresário 1.

EMPRESÁRIO 1 – Pois não?

LISA – Me disseram que o senhor está precisando de uma cantora.

EMPRES. 1 – Você tem experiência?

LISA – Bem, experiência propriamente não...

EMPRES. 1 – Sinto muito, menina, sem experiência não é possível.

BLACK, ARTY E LUCAS – Indiferença, desprezo, hostilidade. // Oh, como é triste a realidade // de quem procura uma oportunidade!

Luz e som da cena anterior.

LISA – Soube que o senhor vai montar um musical. Queria fazer um teste.

EMPRES. 2 – Lamento, garota, o elenco já está completo.

BLACK, ARTY E LUCAS – Ah, é preciso muita tenacidade// pra aguentar tanta má vontade!

Luz e som da cena anterior.

LISA – Por favor, meu senhor, será que não dá...

EMPRES. 2 – (*cortando*) Quantos discos você já gravou?

LISA – Por enquanto, nenhum, só cantei em *shows* de universidade.

EMPRES. 3 – Infelizmente, não aceitamos estreantes.

Agora, uma separação com acordes musicais entre a fala de um e outro empresário.

EMPRES. 1, 2 E 3 – (*Um de cada vez*) Volte quando tiver mais experiência.// Só contratamos artistas que já têm nome,// não trabalhamos com principiantes.

LISA – Como vou deixar de ser principiante se não consigo nem principiar?

BLACK, ARTY E LUCAS – Em toda parte, a mesma ladainha// ninguém é capaz de dar uma forcinha.// Mesmo ouvindo tanta negativa,// o importante é não perder a esportiva.

EMPRES. 4 – O que você quer?

LISA – O senhor não está precisando de uma cantora?

EMPRES. 4 – Você tem experiência?

LISA – (*Já aprendeu uma regra do jogo.*) Muita!

EMPRES. 4 – Vamos ver. Mostre o que você sabe cantar.

Lisa começa a cantar uma música típica de protesto da década de 1960.

EMPRES. 4 – Pare! O que está pensando! Quer espantar meu público? Eles vêm aqui pra se divertir, não pra ouvir um comício.

BLACK E CIA. – Mas Lisa era uma campeã de teimosia// Quanto mais recusas ouvia, mais ela insistia.

NARRADOR – Até que um dia...

BLACK – Conseguimos! Lisa! Chegou sua chance. Vai nesse endereço.

LUCAS – Eles estão precisando de uma *crooner*. Mostrei sua foto e ele disse que você é o tipo que estão procurando.

LISA – Uma *crooner*?

BLACK – É. Num clube noturno.

LISA – *(Desapontada)* Lugar de grã-fino?

BLACK – Sei que não é o que você quer, mas é um começo, Lisa.

NARRADOR – E que começo! Porque até chegar a estreia tão sonhada// a batalha ficaria ainda mais acirrada!

Lisa aparece com o agente e seus colegas, ensaiando. Agitação característica de palco de show ou estúdio de gravação.

LISA – *(Ensaando algo em estilo bem convencional. Canta umas duas estrofes e para, irritada.)* Ah, assim não é possível! Isso aqui não dá pra eu cantar!

AGENTE – Como é que não dá? Você é uma estreante e tem que cantar o que o público gosta.

LISA – Ora, meu senhor, vê se me arranja uma coisa melhor pra cantar!

AGENTE – Não se preocupe, menina, sei o que estou fazendo! Vê se acerta o andamento e deixa comigo o lançamento!

Lisa, contrafeita, retoma a canção. Enquanto ela cantarola os versos da música romântica, a luz se apaga sobre ela ao mesmo tempo em que se acende no cenário da mansão branca.

NARRADOR – Enquanto Lisa ensaiava essas bobagens, o Rei da América Real armava as maiores sacanagens.

REI – Senhor Secretário, transmita imediatamente esta ordem a todo o Estado Maior: vamos invadir a Eurochina do Norte!

SECRETÁRIO – Mas, Majestade, não estamos em guerra com a Eurochina do Norte!

REI – Não estamos? Não faz mal! Declare guerra imediatamente!

SECRETÁRIO – Majestade, desculpe, mas... o senhor não pode declarar guerra à Eurochina do Norte!

REI – Como não posso? Sou o rei dessa joça ou não sou?

SECRETÁRIO – Para haver uma declaração de guerra, é preciso a aprovação do Congresso!

REI – É mesmo? Eu não sabia!

SECRETÁRIO – É verdade, Majestade, assim reza a Constituição. E a maioria do Congresso já garantiu que é contra a declaração de guerra. *(Pausa)* Então, Majestade? Qual a vossa decisão?

REI – *(com ar de estadista)* Quando fui coroado, jurei obedecer à Constituição, senhor secretário. Assim será. Que tudo corra de acordo com a lei. Não vamos declarar guerra à Eurochina do Norte.

SECRETÁRIO – Perfeitamente, Majestade; devo, portanto, desconsiderar a ordem?

REI – Nada disso! Está de pé a minha decisão! Já que o Congresso recusa a aprovação, // ocupemos então essa nação // sem oficializar a invasão!

NARRADOR – E com a guerra em pleno andamento, chega enfim o dia da estreia. E, nesse dia, como se sente a audaz contestadora? Como todo artista no momento solene em que vai enfrentar o público pela primeira vez.

Acende a luz sobre Lisa, cercada por Arty e Black.

LISA – Estou morrendo de medo.

BLACK – Mas o que é isso, Lisa? Não tem porque se preocupar. Não confia em você?

LISA – Em mim eu confio. Não confio é neles. *(Apontando para a plateia.)*

ARTY – Ora, você tem tudo para ser o maior sucesso.

LISA – Estou sabendo. Oh, droga, por que meus joelhos não param de tremer?

BLACK – Você quer um calmante?

ARTY – Não, não dá calmante pra ela, calmante só piora.

LISA – *(Ameaçando gritar)* Gente, como é que fui me meter nessa? Sabem de uma coisa? Vou é cair fora.

BLACK – Tá doida, Lisa? Uma chance como essa não aparece outra vez.

LISA – Ainda bem. Uma vez só já é muito pra mim. Não sei onde eu estava com a cabeça quando fui falar com esse empresário. O que estou fazendo aqui? Não sou cantora, sou contestadora. Nunca fui artista! Meu negócio é ser ativista!

ARTY – Calma, Lisa! Fica fria. É sempre assim antes de começar.

MESTRE – E agora, senhoras e senhores, pela primeira vez cantando em público, a grande revelação, Miss Lisa Rock!

Arty e Black empurram lisa para a cena, ela começa a cantar, de maneira muito tímida, uma música romântica, amena e inconsequente. Pigarreia. Hesita, ouvem-se alguns comentários desfavoráveis da plateia. Lisa olha para os lados como quem pede socorro.

BLACK – Lisa, não vai negar fogo logo agora! Coragem!

ARTY – Vai lá, garota! Vai firme!

Lisa retoma a canção, mas sem muito ânimo. Ouvem-se mais vozes da plateia.

PÚBLICO 1 – Essa aí que é a grande revelação?

PÚBLICO 2 – Bem se vê que é estreante!

PÚBLICO 3 – Quero meu dinheiro de volta!

PÚBLICO 4 – Ei, menina, acorda, o *show* já começou!

PÚBLICO 1 – Acho que já acabou!

Risadas da plateia.

LISA – *(Tentando se esconder junto a Arty e Black.)* Se não estivesse tão sem voz, eu gritava “socorro!”

ARTY – O que você está fazendo aqui?

BLACK – Você tem que estar lá, cantando!

LISA – *(Respira fundo.)* Só digo uma coisa: se eu conseguir passar por esta, palavra de honra que nunca mais vou ter medo de nada! *(Volta para cena decidida.)*

PÚBLICO 1 – Ué, voltou?

LISA – Pois é, voltei. E voltei para ficar. *(Num tom de suave ironia.)* Muito bem, imagino que depois de um dia de muito trabalho e etecetera e tal, o distinto público aqui presente não tá a fim de esquentar a cabeça com esses papos de política, quer mais é curtir seu *happy hour*, não é mesmo? Tá legal, também não tou a fim de estragar a *happy hour* de ninguém *(subitamente num tom feroz)*, mas saibam que, enquanto ouvem essas músicas caretas e alienadas, no outro lado do mundo os jovens de nosso país estão morrendo por causa de uma guerra estúpida e sem sentido! *(Imediatamente retoma o tom suave.)* E agora, vamos lá... “Stella by Starlight”...

O som da canção abaixa e a voz do Narrador entra forte, em cima.

NARRADOR – Aos poucos foram todos percebendo// que uma nova estrela estava nascendo.// Lisa não pedia mais desculpas por protestar// e punha a boca no mundo sem hesitar!

Apaga-se a luz sobre o Narrador. Silêncio súbito, como se todo o som tivesse sido inteiramente “sugado”. De repente, ouve-se, em pleno volume, a parafernália de som de um show ao ar livre, que está para começar. Luz sobre Lisa no palco. Nova pausa, mais curta. Durante os quatro versos iniciais da canção que vai se ouvir, não há fundo musical, apenas o ruído forte de microfonia. No início, Lisa quase “diz” os versos, mais do que propriamente os canta. A partir do quinto verso e até a entrada seguinte do narrador, o andamento passa a ser quase frenético.

LISA – Se estás condicionado
por um mundo tão quadrado
tudo nele com horário
em agenda ou calendário
não és criatura humana,
muito pelo contrário,
és um mero funcionário!
(Tom de quem fala com o público.)
Viver é algo que te mantém muito
ocupado
você vai querer viver com horário
marcado?
Você dá duro no batente
mal saiu do refeitório
volta já pro escritório
e retoma o expediente
e desse jeito, dia após dia
chegará um certo dia

que verás, estarecido,
que havias esquecido
tua hora de viver.
E aí, que será de tua vida
ao chegar a hora da despedida?
A única hora que não foi programada
mas que não tem como ser evitada?
Por isso trata logo de te
descondicionar!
Põe as coisas em seu devido lugar
Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida!

O som da música sai imediatamente. Foco sobre o Narrador em outro lado do palco.

NARRADOR – *(Num ritmo bem vivo.)*

Seu nome se elevava como cantora
e mais alto ainda como contestadora!

LISA – *(Cantando no meio da rua)*

Protesto às oito da manhã
contra a guerra do Vietnã
às nove horas contesto sem dó
a indústria do leite em pó,
o cigarro com filtro, o imposto
compulsório e o serviço militar
obrigatório
se uma coisa eu detesto
desde logo a contesto
pois no mundo do protesto
não tenho rival! Não tenho rival!

NARRADOR – Protestando, contestando,

reclamando, questionando,
ela segue triunfando,
cada vez mais popular;
ganhou até um Oscár!

LISA – Que eu, naturalmente, tratei de recusar!
(*Pausa curta.*)

NARRADOR – O sucesso crescia dia a dia!
Pra ver Lisa Rock, o público em
massa acorria!

Luz sobre outro lado do palco. Público correndo para a bilheteria.

ESPECTADOR 1 – Tem lugar?

ESPECTADOR 2 – Ainda tem?

ESPECTADOR 3 – Quero dois lugares!

VOZES – Um lugar pra mim! Tem lugar pra hoje? Me arruma na primeira fila!

BILHETEIRO – Calma, por favor, tenham calma.

Não tem mais, já está lotado.

Pra amanhã tem na última fila.

Aí já não tem mais, foi vendido.

Ora, lugar na primeira fila só no mês que vem!

BILLY – Por favor, não tem nem um lugarzinho?

BILHETEIRO – Infelizmente não tem mais, está lotado.

BILLY – Mas pode ser qualquer um, não me incomodo.

BILHETEIRO – Bem, se você não faz questão, tem um na última fila, atrás da
coluna.

BILLY – E dá pra enxergar bem?

BILHETEIRO – Desse lugar, a única coisa que dá pra ver são as paredes do
teatro e uma coluna.

BILLY – Mas dá pra escutar ela direito?

BILHETEIRO – Não se preocupe. Tem um alto-falante bem no meio da coluna.

BILLY – Então me dá esse lugar.

Mudança de luz e som. Lisa no meio do show.

LISA – Dez, nove, oito, sete, seis;
é o começo da contagem
pra acabar a sacanagem,
a contagem regressiva
que não deixa alternativa
pra esse mundo se acabar
e o mundo novo começar!
Nove, oito, sete, seis, cinco;
o tempo está voando,
esse mundo se encerrando
e a gente preparando
o mundo novo pra chegar!
Oito, sete, seis, cinco, quatro;
o momento vem chegando,
não tem jeito de evitar,
cada vez demora menos
pra verdade triunfar!
Sete, seis, cinco, quatro, três!
(Num ritmo paciente, tranquilo.)
Pode ser que leve meses,
até mesmo vários anos,
mas a contagem tá no ar,
ninguém mais pode parar!
Seis, cinco, quatro, três, dois, um...
Um... um... um... um...

oh, instante almejado,
momento tão aguardado
que trará enfim a paz,
quando é que chegarás?
(Sem cantar.) Cada segundo que passa,
o mundo de vocês encurta mais. Isso
sabemos muito bem
e sabem vocês também.
Quando o momento enfim chegar
o que é nosso simplesmente vamos tomar.
Cinco, quatro, três, dois, um, já!

Música bem alta. Subitamente, silêncio. O Narrador entra dizendo o texto que se segue num andamento bem mais tranquilo.

NARRADOR – Mas nem só de *shows* e contestação, afinal, vive uma estrela. Como qualquer mortal// Lisa tem direito a uma vida normal// passeando pela avenida// de óculos escuros pra não ser reconhecida// ela é subitamente surpreendida// pois acontece uma coisa inesperada// um cara vem e lhe passa uma cantada.

CARETA – (*assobia*) Pssst!

NARRADOR – Ora, mas vejam só que mancada// o cara vem na base do assobio// e, em seguida, lhe dá um elogio.

CARETA – Ô, beleza, qual o problema? Não tem problema? Então, legal, boneca, por que não vem dar pra mim, hein? Qual é o problema, bijuzinho? Preconceito? Ah, bobagem, corta esse preconceito de virgindade, você não é moderna? Então, belezura, moça moderninha não tem dessas coisas, como é, vamos lá, estou com o carango aí, tenho um apartamento montadinho, legal, coisa fina...

LISA – (*estupefata*) Oh, gente, será que ouvi direito?// palavra, que estou até sem jeito.

CARETA – Você mesmo aí, coisa linda, vamos fazer um amorzinho?

LISA – Oh, bicho, que coisa tão furada! Não te parece muito feio// me jogar um galanteio// coisa mais quadrada// de há muito superada.

CARETA – Mas como é, garota, não foi com a cara do meninão aqui?

LISA – Não é que você me desagrade// pra dizer a verdade// falando francamente// te acho até bem excitante// assaz estimulante// o que se costuma chamar um pão// para não dizer tesão// e, sendo assim, por que não?

Mudança de luz e som. Passagem de tempo. Lisa e o Careta estão prontos para o ato.

CARETA – Mas você é a Lisa Rock!

LISA – Pois é. Eu mesma. A própria. (*Despindo-se.*) Mas não me julgue uma conquista,// nada de me por na lista// dos programas que já fez.// Se corres atrás do puro prazer// algo também tens que perder.// Ah, lindão, esquece a tua vaidade// põe os pés na realidade,// por favor, não fique apoplético,// sexo também é dialético.// Todo aquele que recebe// algo também deve dar// não vá se desapontar.// (*em outro tom*) Todo ato que eu cometo// todo gato com quem deito// é um ato consciente,// decisão da minha mente// pra criar o mundo novo,// mas se topo o programa// e quietinha vou pra cama, // se me deito sem protesto// não conclua que eu não presto// e nem pense que me dei,// eu também te devorei! (*Encarando-o como se estivesse no clímax do ato sexual.*) Que este ato não se esgote nos fugazes momentos de sua realização física,// que ele seja mais que o movimento de corpos e almas no aqui e agora,// que ele seja um ato revolucionário!

CARETA – Ôrra, meu! Mas que trepada mais complicada!

NARRADOR – A sexualidade saciada// Lisa retoma a caminhada// que a cada dia fica mais atribulada// pois, uma vez a glória alcançada,// torna-se essencial// cuidar também do lado comercial.

Entra o Publicitário.

PUBLICITÁRIO – Miss Rock, tenho uma proposta para a senhora fazer um filme de publicidade.

LISA – Publicidade do quê?

PUBLICITÁRIO – Dos cigarros M&J.

LISA – M&J? O que quer dizer isso?

PUBLICITÁRIO – São as iniciais de Mary Jane, a marca de um novo cigarro que nossa companhia está lançando.

LISA – Que tipo de cigarro? Aqueles horríveis cigarros com filtro?

PUBLICITÁRIO – De certo modo, sim. Temos também o modelo M&J sem filtro.

LISA – Também não fumo essas porcarias sem filtro.

PUBLICITÁRIO – Não faz mal. No comercial a senhora não vai ter que fumar.

LISA – Não disse que não fumava. Só não fumo essas porcarias industrializadas.

PUBLICITÁRIO – Mas nós pagamos muito bem, Miss Rock. É um comercial de apenas trinta segundos e estamos dispostos a pagar o que a senhora quiser.

LISA – Como é?

PUBLICITÁRIO – Nossas pesquisas de mercado indicam que estamos perdendo uma faixa enorme do público jovem que prefere cigarros não convencionais e, por isso, resolvemos lançar o cigarro Mary Jane – dedicado especialmente à juventude. E ninguém melhor do que Lisa Rock para vender os cigarros M&J. Aqui está um cheque para a senhora com a quantia em branco.

BLACK – Em branco!

PUBLICITÁRIO – A senhora pode preencher com a quantia que julgar conveniente. Qualquer importância dentro dos limites do razoável será paga por nós.

THOMAS – Até onde vai o razoável da M&J?

PUBLICITÁRIO – Posso garantir que, quando convém, nossa empresa é muito generosa.

Thomas e Black olham o cheque extasiados. Lisa reflete, fria.

LISA – Bem, antes de aceitar preciso de alguns dados sobre a sua companhia.

PUBLICITÁRIO – Como assim?

LISA – Quero saber como vocês trabalham, suas instalações, essas coisas...

PUBLICITÁRIO – Ah, compreendo, a senhora quer conhecer o *background* da companhia, como são feitos os cigarros, não é, para ajudar no seu desempenho. É o tal... laboratório do personagem, é assim que vocês chamam, não é?

LISA – Corta essa, cara, pensa que estou brincando?

PUBLICITÁRIO – Desculpe, receio não ter entendido...

LISA – Não é essa careta que eu quero saber.

PUBLICITÁRIO – Mas o que é então?

LISA – Quero saber do que vocês estão a fim mesmo, mas sem esse papo careta, me dá o serviço de verdade.

PUBLICITÁRIO – Pois não, o que estiver ao meu alcance... o que a senhorita quer saber?

LISA – Em primeiro lugar, em que condições trabalham os empregados das suas fábricas?

THOMAS – Lisa...

PUBLICITÁRIO – As condições? São as melhores possíveis, tenho certeza, devem ser ótimas...

BLACK – Está vendo, Lisa... são ótimas...

LISA – São ótimas ou devem ser ótimas?

PUBLICITÁRIO – São excelentes. Por que não seriam?

LISA – Você já entrou alguma vez dentro da fábrica?

PUBLICITÁRIO – Na linha de produção, exatamente, nunca, mas...

LISA – Mas o quê?

PUBLICITÁRIO – As condições só podem ser ótimas. O sr. M&J e sua família são muito exigentes.

LISA – *(com ar desconfiado, fala como quem dá um ultimato)* Bem. Quero saber quantos empregados vocês têm. Qual o salário mínimo que pagam e o faturamento da firma no ano passado. Quero saber onde investem os lucros, em quantos países do Terceiro Mundo vocês operam e qual a posição da firma diante das ditaduras que provavelmente existem nesses países. Anotou tudo?

PUBLICITÁRIO – Anotei, sim.

LISA – Então mexa-se! Se quiserem que eu faça esse comercial, têm que me entregar as respostas até amanhã ao meio-dia.

PUBLICITÁRIO – *(sem jeito)* Pois não. *(Vai saindo.)*

LISA – Um momento, o seu cheque. *(Devolve o cheque para ele. Sai o publicitário.)*

BLACK – Lisa, você está louca!

LUCAS – Não posso acreditar!

THOMAS – Uma chance dessas não se joga fora! O que deu em você? Está se sentindo bem?

LISA – Claro que estou. Por que não haveria de estar?

BLACK – Você percebe o que fez?

LISA – Claro que percebo. Impus algumas condições para fazer o comercial.

LUCAS – Condições? Você está maluca!

BLACK – Você ouviu o que o homem disse! Iam pagar o que você quisesse!

THOMAS – Só pra fazer uma droga de comercial. Sem despesa nenhuma!

BLACK – Era só filmar e receber!

LISA – Quer dizer que vocês não aprovam o que eu fiz?

BLACK – Não é isso, Lisa, você sabe como a gente pensa...

LUCAS – Conhece nossa posição...

LISA – Vocês pensam de um jeito, mas agem de outro, não é?

THOMAS – É que você é intransigente, Lisa. Política não se faz só na porrada.

LUCAS – É preciso habilidade também...

LISA – Esperteza, vocês querem dizer. Malandragem.

BLACK – Chame como quiser, mas ninguém faz política sem algumas concessões. A gente tem que ser maleável nas coisas menos importantes, pra poder ser inflexível nas questões realmente importantes...

LISA – E como você separa as coisas que são importantes das que não são? Fica muito fácil fazer a separação quando o problema não nos atinge. Basta dizer que a coisa é importante quando for conveniente para nós. Quando não for, a gente se livra do problema dizendo que “não tem importância”. É o que vocês estão fazendo. Só que o problema atinge a todos nós.

BLACK – Pera aí, não é nada disso.

LISA – (*Encarando-os com firmeza.*) Quando é que a morte de seres humanos passa a ter importância para vocês?

THOMAS – Mas quem está falando em morte, é um simples comercial de cigarros...

LISA – Me respondam! Quantos seres humanos precisam ser assassinados pra que isso chame a nossa atenção?

BLACK – O que uma coisa tem a ver com a outra?

LISA – (*Obstinada.*) Quero saber qual é o número de vítimas necessário para nos sensibilizar. A partir de quantas mortes deve começar nossa indignação? (*Pausa*) Digamos que o número mínimo seja de cem pessoas. Quando a centésima pessoa for assassinada, começamos a nos indignar, mas só quando chega ao número cem. Como você iria se sentir se fosse a vítima número noventa e nove, sabendo que só depois de sua morte as pessoas iriam tomar alguma atitude?

BLACK – (*Inteiramente aturdido.*) Mas, afinal, o que tudo isso tem a ver com um simples comercial de cigarros?

LISA – Muita coisa. Se aquela companhia tem interesses econômicos nesses países do Terceiro Mundo, onde as multinacionais deitam e rolam sem a menor cerimônia, então ela é responsável pela morte de milhares de trabalhadores – e eu não vou fazer um comercial para eles. Mesmo que apenas um trabalhador tivesse morrido por causa dela, a responsabilidade seria a mesma. Eu não faria publicidade dos seus produtos.

THOMAS – Você está sendo radical demais.

LISA – Não tanto quanto gostaria de ser!

NARRADOR – Ela não estava exagerando! Se não acreditam, vejam só!

Mudança de luz e som. Lisa no show.

LISA – Escutem bem, meus companheiros
o que eu tenho pra dizer
não é qualquer revolução que eu vou fazer
não é em coisa tão pequena
que eu joga o meu tesão
não é atrás de uma ilusão
que eu gasto a minha vida
(*bem forte*), mas, sim,
na Revolução! Revolução! Revolução!
Escutem bem, pra se habituarem vocês também,
qualquer revolução, não!
Tem que ser a melhor de todas as revoluções possíveis!
É A Revolução! LA Revolución! THE Revolution!
Em que vou até o fim!
Eu gasto a minha vida
pra fazer a melhor de todas as revoluções possíveis!

Lisa é detida por dois policiais, um homem e uma mulher.

LISA – Me soltem! Larga! O que estão fazendo?

POLICIAL 1 – Parece evidente, não é, estamos efetuando uma prisão.

LISA – Tira a mão de mim! Mas o que eu fiz para ser presa?

POLICIAL 2 – A senhora transformou o seu *show* numa demonstração ilegal.

LISA – Protesto contra a brutalidade policial! Seus gorilas!

NARRADOR – Naquela época, Lisa ainda não tinha saído da América Real. Como se vê, em matéria de brutalidade policial, tinha muito que aprender.

Cai um pacote da bolsa de Lisa.

POLICIAL 1 – O que é isso que você deixou cair?

LISA – O que? Isso aqui?

POLICIAL 1 – É. Não sei o que é, mas parece suspeito.

LISA – Ah, mas que rapaz desconfiado! É um bilhete que comprei pra uma viagem.

POLICIAL 1 – Bilhete? Pensa que sou trouxa? Nunca vi bilhete em vidrinho.

LISA – *(Fazendo charme.)* Nem eu. Mas esse é pra uma viagem muito especial. Não quer embarcar comigo?

Policial 1 pigarreia sem jeito.

POLICIAL 2 – O que foi?

LISA – Nada. Estava só convidando o seu colega para uma viagem. *(Maliciosa.)* Não quer ir junto?

POLICIAL 2 – Viagem pra onde?

LISA – Pra um lugar muito legal. Olhe só como é bonito. *(Mostra o vidro para ela. A Policial 2 olha através do vidro.)* – Está vendo?

POLICIAL 2 – Não.

LISA – *(Para a Policial 2.)* Ué... o que será que aconteceu? *(Para o Policial 1.)*
O que você fez com o vidro?

POLICIAL 1 – Não fiz nada. *(Vai olhar também. Assim que os dois passam a espiar o vidro, Lisa tenta fugir.)*

POLICIAL 1 – Ei! Ela está querendo fugir! Segura ela! *(Correm atrás de lisa e a seguram. Ela se debate.)*

LISA – Me larguem, seus gorilas! *(Morde a policial.)*

POLICIAL 2 – Ela me mordeu!

Acorde musical de separação. Acende-se a luz no tribunal.

JUIZ – *(Sem olhar para Lisa nem para os policiais)* Muito bem, próximo caso.

POLICIAL 1 – É essa aqui, Excelência.

JUIZ – *(Sem levantar os olhos.)* Nome?

LISA – Lisa Rock.

JUIZ – *(Levanta os olhos, o Policial 1 lhe estende um relatório.)* Hummm.
Muito bem. A senhora é Lisa Rock, a cantora, não é?

LISA – Sou.

JUIZ – *(Examinando o relatório.)* Pelo que vejo, a senhora tem verdadeira obsessão pelo protesto.

LISA – É o que parece.

JUIZ – Uma cantora de tanto sucesso, como a senhora, por que não sossega e dá também um pouco de sossego para as autoridades? Quando começou com essa mania de protestar?

LISA – Quando nasci.

JUIZ – Não faça piadas aqui no tribunal.

LISA – Isso não é piada. Esse não é o momento para fazer humor. Aliás, momento algum é para fazer humor. Quem faz humor só faz o jogo dos que tornam a vida triste.

JUIZ – Tem alguma explicação razoável para a confusão que armou no meio da praça?

LISA – Era um protesto consciente. Estava exercendo meu direito legítimo de cidadã.

JUIZ – Além de promover distúrbios em praça pública, a senhora está sendo acusada de posse de drogas. O que tem a declarar sobre isso?

LISA – Não tenho nada a declarar.

JUIZ – (*Lendo*) Foi também acusada de morder um agente policial.

LISA – O que o senhor queria que eu fizesse? Não tinha um cassetete para bater neles.

JUIZ – E ainda de resistir à voz de prisão.

LISA – Sem sucesso, como está vendo.

JUIZ – E, finalmente, é acusada de ultraje ao pudor, por fazer propostas indecorosas a um policial.

POLICIAL 2 – (*Sem jeito.*) E a uma policial.

JUIZ – Por que a senhora não se corrige? Está querendo levar esta corte à loucura?

LISA – (*Modesta.*) Ora, quem sou eu?

JUIZ – Sei muito bem quem a senhora é! Cometeu uma transgressão e vai ter que pagar.

LISA – O senhor não pode fazer isso comigo! E meus direitos civis? A liberdade do indivíduo?

JUIZ – É em nome das leis do Estado que vou te condenar. Incitamento à desordem é muito irregular.

LISA – (*Desafiante.*) Que direito tem o Estado de impor essas leis aos seus cidadãos?

JUIZ – (*Com impaciente didatismo.*) Minha cara, essas leis são o Direito. Elas constituem a Ordem.

LISA – O que é a Ordem diante da Liberdade?

JUIZ – (*Sublime.*) A Ordem é tudo. Está acima de nós e dentro de cada um. É a Ordem que faz cada um de nós ser quem é.

LISA – Ora, Meritíssimo, eu estava apenas protestando!

JUIZ – Perfeitamente. E eu estou só te condenando. É muito simples. Se você protesta, eu reprimo. Faço tudo como manda o figurino. (*Apanha um monumental alfarrábio e o exhibe para Lisa.*) Te apresento a um grande amigo// cujas ordens sempre sigo,// razão mesma de meu ser// sem o qual não sei viver.// Este livro é o meu código,// meu amo, mestre e fiel senhor// meu código e eu vivemos felizes,// sempre atentos aos menores deslizes// de artistas, escritores, cientistas e doutores,// jornalistas e pintores, professores e autores.// Que ninguém ouse falar mal// de meu código tão querido,// livro esse sem o qual// perde a vida o seu sentido // Oh, compêndio precioso// que me faz viver em gozo// cuidando do bem comum,// código, só existe um! (*Bate o martelo.*) Três dias de detenção!

NARRADOR – Três dias de detenção! Meia semana sem contestação! Mas já no quarto dia// lá estava Lisa, pronta para nova rebeldia.// Só que a essa altura ela percebia// que seu protesto ficara descomunal,// até mesmo para a fabulosa América Real.

LISA – Eu vivo contestando estruturas// as verdades sempre digo, mesmo duras,// e eu sei que estou na minha// pois é essa a minha linha// de norte a sul, de leste a oeste,// da Rodésia a Bucarest,// é preciso que eu proteste!

NARRADOR – No dia seguinte, Lisa Rock embarca para o *front* da Eurochina do Norte, uma notícia que provoca alvoroço na Mansão Branca.

SECRETÁRIO – Majestade, trago notícias boas e más.

REI – (*Ar de sofrimento.*) As boas notícias primeiro.

SECRETÁRIO – Aquela cantora, Lisa Rock...

REI – A subversiva? A maconheira?

SECRETÁRIO – Sim, Excelência. Inesperadamente, ela embarcou para a Eurochina do Norte e fez um *show* para nossos soldados no *front*.

REI – É mesmo? Ora, aí está uma agradável surpresa! Que simpático da parte dela! E a má notícia?

SECRETÁRIO – Depois do *show*, desertaram 190 soldados, 12 sargentos, dois tenentes e até mesmo um general.

Mudança de luz e som.

LISA – Espaço e tempo atravesso// num desafio à razão// batalhando pelo sucesso// da grande revolução!

Ruído de jato preparando-se para decolar.

PILOTO – Senhoras e senhores, bem-vindos a bordo. Este é o voo 184 das Linhas Aéreas Mundiais, com escalas em Paris, maio de 1968, na Primavera de Praga, na Praça da Paz Celestial em Pequim, nas quedas do Muro de Berlim e do Império Soviético, nesses países todos que vivem mudando de nome e em praticamente todas as capitais do Quarto Mundo. Permitam-me apresentar-lhes minha tripulação. Temos duas aeromoças, uma do IRA, outra do Mossad. Um dos copilotos é fundamentalista muçulmano e o outro foi treinado em Cuba, enquanto eu, o comandante, sou na verdade um agente da CIA. Assim, podem ficar tranquilos, porque, se formos sequestrados, estamos em condições de conseguir um excelente tratamento, seja qual for a ideologia de nossos sequestradores. Estamos orgulhosos em ter a bordo a renomada cantora e estrela de cinema Lisa Rock. Por favor, apertem os cintos e observem o aviso de não fumar até completarmos a decolagem. Lembramos a Miss Rock que o aviso de não fumar se aplica a todo tipo de cigarros. Boa viagem.

Ruído de jato decolando.

NARRADOR – Horas depois, num aeroporto do Mundo Oriental.

COMISSÁRIO – *(Caminhando pressuroso para Lisa, estende-lhe a mão.)*
Camarada Rock, permita que me apresente. Sou o camarada Wong Iuri Ahmed Hernández, da Indoeuropa do Sul. Soube que a senhora requereu visto de entrada em nossa república.

LISA – Pois é. Estou ansiosa para entrar em contato com o povo de seu país.

COMISSÁRIO – Saiba que meu governo acompanha com muita simpatia seus movimentos pela liberdade na América Real. Seu telegrama de protesto, condenando a intervenção que o governo imperialista promoveu na Eurochina do Norte, foi publicado em nossos jornais e recebido de maneira muito favorável por nosso povo.

LISA – Fico contente em saber. Pode me mostrar a notícia?

COMISSÁRIO – Naturalmente, camarada. Aqui está. *(Entrega-lhe um jornal.)*

LISA – *(Lendo.)* Mas... aqui só está uma parte de minha declaração. O que aconteceu com a segunda parte, em que eu protesto contra o internamento de intelectuais dissidentes de seu país em asilos psiquiátricos?

COMISSÁRIO – Camarada, bem se vê que não está familiarizada com as particularidades de nosso povo. Aquela parte não apresentava interesse para a maioria de nossos leitores.

LISA – Camarada Comissário, precisamente aquela parte é que tinha interesse para o povo de seu país.

COMISSÁRIO *(Complacente.)* – Humm, camarada Rock, deixe que lhe diga uma coisa. Esses intelectuais a que a senhorita, certamente por uma desinformação, se refere em seu telegrama *(passa do sorriso para uma expressão furiosa)* não passam de preguiçosos e parasitas que tiveram muita sorte de receber uma punição bem menor do que a que mereciam.

LISA – Não creio que sejam preguiçosos nem parasitas. São escritores e cientistas que simplesmente desejam uma sociedade mais justa.

COMISSÁRIO – Em nosso país, felizmente, já fizemos uma revolução que implantou a mais completa justiça social.

LISA – (*Exaltando-se.*) A revolução que quero fazer não é apenas uma revolução social! É uma revolução total no ser humano, a melhor de todas as revoluções possíveis!

COMISSÁRIO – (*Com o sorriso da certeza, de quem está convencido de que “chegou lá”.*) É precisamente esta que fazemos, todos os dias, para levar o processo até os últimos estágios. Pode ficar sossegada.

LISA – (*Nem um pouco satisfeita.*) E quanto às medidas de abertura e democratização que vêm ocorrendo nos principais países do Mundo Oriental, qual é a atitude que o seu governo vai tomar?

COMISSÁRIO – Veja bem, minha cara, tudo isso é muito relativo. Afinal, aquilo que é bom para determinada nação nem sempre é o melhor para outra.

LISA – Ora, meu senhor, o que é isso, liberdade não é uma questão de geografia.

COMISSÁRIO – Minha jovem, liberdade pode não ter nada a ver com geografia, mas tem tudo a ver com o momento histórico. E eu lhe garanto que, aqui para o nosso povo, esse momento da abertura ainda não chegou. É preciso um pouco de paciência.

LISA – Paciência? Há décadas que o povo vem tendo paciência! Queremos mudanças agora!

COMISSÁRIO – Senhorita, saiba que todos os estágios de nossa revolução têm de ser controlados pelos departamentos especializados. E, por suas atitudes, estou vendo que suas músicas de protesto seriam um tanto inconvenientes em nosso país, compreende?

LISA – Compreendo que vocês são uns burocratas que enterraram o sonho da verdadeira revolução!

COMISSÁRIO – E a senhorita não passa de uma contrarrevolucionária idealista e pequeno-burguesa!

NARRADOR – Proibida de entrar na Indoeuropa do Sul, Lisa tenta falar com os grandes líderes mundiais.

LISA – Atenção, senhores presidentes, dirigentes do mundo ocidental, oriental, lateral e diagonal!

LÍDER 1 – Manda dizer que estou ocupado.

LÍDER 2 – Sem chance!

LÍDER 3 – Essa mulher é pior que mil organizações não governamentais!

NARRADOR – Num mundo de tão frequentes mutações, Lisa, obstinada, se mantém fiel às suas convicções.

LISA – Como podem ser tão insensíveis? Só quero fazer a melhor de todas as revoluções possíveis!

LÍDER 1 – Revolução, que papo mais furado!

LÍDER 2 – Agora prevalecem as leis do mercado.

LÍDER 3 – Toda ideologia está morta e enterrada.

OS 3 JUNTOS – A economia hoje se tornou globalizada!

LISA – *(Está entre dois companheiros e diz para eles.)* Esses panacas só conseguiram globalizar duas coisas: a miséria e a merda. *(Em outro tom.)* Os homens da Terra são todos irmãos. Insisto em ser recebida!

LÍDER 1 – Saia daqui em 24 horas, ou então será banida!

LISA – Vou dizer a verdade, bicho, // este mundo, pra mim, está um lixo, // muita gente que é safada, // tanta coisa que é errada. // *(Para os companheiros.)* Mas vocês me conhecem; não sou de entregar os pontos tão facilmente. *(Em outro tom.)* Cidadãos do mundo, emprestai-me vossos ouvidos!

LÍDER 2 – Expulsem ela do mundo!

Acorde musical forte. Mudança de luz. Outro clima. Lisa canta desanimada.

LISA – Deus está morto, Marx também e eu mesma não me sinto muito bem. Se o sonho já era // e nunca passou // de uma grande quimera, // o jeito então é cair na real – Uau!!! Ah, que pesadelo sem igual, // é um cataclismo sideral e eu não estou // nada legal... nada legal... nada legal...

Ao mesmo tempo em que vai abaixando a voz, Lisa se dirige a um ponto do palco onde estão Black, Lucas e Billy. Um escritório ou uma suíte de hotel. Ambiente de desânimo.

BLACK – Valeu, Lisa... não desanima...

LISA – Quem sabe, se eu tivesse usado outras palavras...

BLACK – Você falou legal, mas isso não adianta.

LUCAS – As palavras, só porque são certas, não fazem acontecer nada. Se fosse só explicar o que está errado pra consertar as coisas, seria muito fácil.

LISA – Ah, mas um dia a gente consegue! Se a gente se dedicar até o fim, se puser toda a alma nessa luta, um dia vamos mudar mesmo esse mundo!

LUCAS – Mas quando?

LISA – Pode ser que demore, mas tem gente que vai viver nesse admirável mundo novo. É essa gente, seja de que época for, que são os nossos contemporâneos. É nesse mundo novo que estou ligada. O mundo que vier depois da melhor de todas as revoluções possíveis.

BLACK – Pode ser a melhor, mas não vai ser a última.

LISA – Por quê?

BLACK – Porque a última vai ser a nossa.

LISA – De quem?

BLACK- **A revolução negra. Depois de todas, depois dessa que você diz que é a melhor, ainda vai ter a nossa.**

LISA- **Não diga isso, Black and Black. A melhor de todas as revoluções possíveis vai ser a tua, também. Depois dela ninguém mais vai protestar.**

BLACK – Pode ser que não tenha mais branco para protestar. Mas vai faltar ainda um protesto pra ser feito. E pode estar certa de que eu vou estar nele.

LISA – Sem essa, Black! A nossa revolução é a tua, também!

BLACK – *(Aproximando-se de Lisa e tocando seu rosto.)* No fundo, você é negra, Lisa. Por isso você é legal. Olho pra tua pele clara e vejo a negra que tem

dentro de você. *(Com um bastão de maquiagem vai pintando alguns traços negros no rosto de Lisa.)* Todo aquele que protesta é um negro. Todo rebelde é um negro. Poucos sabem disso, mas todos têm de saber. *(Cantando.)* Dentro de você// vive uma negra// que eu vou despertar.

LISA E BLACK – *(Cantando juntos. Ritmo calmo, repousado.)* Dentro de cada um de nós// dorme um negro// que é preciso chamar// existem mais coisas// dentro de nós// que têm de acordar.

Param de cantar e sentam-se, de certa maneira, calmos pela canção. Toca o telefone. Billy vai atender. A campainha do telefone quebra o clima de repouso em que estavam. Billy, ao telefone, ouve e apenas murmura de vez em quando “sim”. Depois de um tempo, desliga.

BILLY – Vocês têm ideia de onde fica um lugar chamado República do Imponderável?

BLACK – Nunca ouvi falar.

BILLY- Chegou a notícia de que as suas músicas são as mais procuradas pela juventude de lá.

LISA – Bom.

BILLY – Só que tem um problema. O governo de lá acaba de proibir todas as suas músicas.

LISA – Por quê?

BILLY – Eles alegam que as suas músicas incentivam o consumo de drogas.

LISA – Muito bem, vamos organizar um protesto contra essa República do Imponderável.

BILLY – De que lado está o governo deles?

LISA – Não sei nem quero saber.

BILLY – E como você vai protestar contra esse governo se não sabe de que lado eles estão?

LISA – Que foi, virou reacionário agora? Estou te estranhando, bicho.

BILLY – Mas como é que a gente pode contestar um governo se não sabemos de que lado ele está?

LISA – Todo governo está contra o povo. Essa é a primeira regra de qualquer contestador que se preze.

BILLY – Falou.

BLACK – Falou.

LUCAS – Não falou. E quando o governo for um governo do povo?

LISA – *(Pausa, olhar crítico.)* Um governo do povo? Aí eu posso me aposentar. Vamos descobrir alguma coisa sobre essa tal República Imponderável. Ligue a TV.

Um aparelho de TV é ligado. Acende-se a luz sobre o estúdio de TV da primeira cena da peça. É a República do Imponderável. Do outro lado do palco, Lisa e sua trupe acompanham o discurso do presidente, que é proferido agora num andamento bem mais rápido que na cena inicial, com reações de incredulidade e alguns comentários durante os quais a voz do presidente diminui de intensidade.

PRESIDENTE – Amigos, é uma grande felicidade estar aqui, falando a vocês todos, graças ao milagre da eletrônica. Sim, um autêntico milagre, porque conhecendo, como nós conhecemos, a nossa tecnologia, só pode ser mesmo um milagre que essa geringonça funcione.

LISA – Como é que é? *(Lisa e sua trupe se entreolham espantados.)*

PRESIDENTE – ...dentro de mais alguns dias, com a graça de Deus, iremos enfim detonar nossa primeira bomba atômica, a Candango Um...

O discurso prossegue sem som. Imediatamente ouvem-se os comentários.

LUCAS – Vocês ouviram o que eu ouvi?

LISA – Mas que fenômeno inacreditável!

Imediatamente volta-se a ouvir o discurso em volume normal.

PRESIDENTE – Apenas um pequeno detalhe separa nossa pátria de seu grande destino, e esse detalhe, como sabem, é a nossa imagem no exterior...

O discurso prossegue sem som.

LISA – *(Em cima.)* Como é possível um discurso tão lamentável?

BLACK – Não é à toa que se chama República do Imponderável!

Ouve-se novamente o discurso.

PRESIDENTE – ...com a Candango Um, vamos nos transformar, enfim, na grande potência que merecemos ser. Hoje, a Candango Um! Amanhã, o mundo!

LISA – Preciso me beliscar para ver se não estou a sonhar. Digam-me, existe essa nação ou é produto de minha imaginação?

LUCAS – *(Com um almanaque nas mãos.)* Existe, sim, está aqui no mapa.

LISA – Vamos pra lá imediatamente.

BLACK – Espera aí, Lisa... Ir até esse lugar maluco só por proibirem os seus discos?

LISA – A proibição agora é o de menos. Deu pra perceber que lá é onde mais precisam da gente. Lá só tem protesto pra ser feito.

BLACK – Toma cuidado, Lisa. Nessa, a gente pode se machucar.

LISA – Porra, Black, que papo é esse?

BLACK – Isso aí não está me parecendo um país muito sério.

LISA – Ora, você que tantas aprontou! Até parece que broxou! Vamos em frente, tratar de arrumar as malas! *(Saem depressa.)*

Mudança de luz e som.

NARRADOR – Como era de esperar// em se tratando de nação tão peculiar,// a notícia da chegada de Lisa Rock, a contestadora notável,// põe em polvorosa o comando da República Imponderável.

Acende-se a luz sobre uma reunião ministerial na República Imponderável. A atmosfera é de caos. O presidente esbraveja, dignitários tropeçam uns nos outros.

PRESIDENTE – Não quero saber! Nem quero ouvir falar!

MINISTRO 1 – Mas, Excelência!

PRESID. – Não a deixem entrar! Proíbam, inventem qualquer pretexto!

MIN. 1 – Não podemos, Excelência! A repercussão será péssima!

PRESID. – Não vai haver repercussão! Ninguém precisa saber que ela está aqui! A gente expulsa ela em silêncio e fica por isso mesmo!

MIN. 2 – Tarde demais, Excelência!

PRESID. – Como?

MIN. 3 – Um repórter descobriu que ela está no país.

PRESID. – Diabo de repórter metido a besta! Divulga uma nota oficial desmentindo o que ele disse!

MIN. 2 – É repórter internacional, Excelência!

PRESID. – Logo agora que a gente estava mudando a imagem do país! Cantora intrometida! *(Para o ministro 2.)* E você, por que tinha que proibir os discos dela?

MIN. 2 – Mas, presidente, todos eles incitam o uso de drogas!

PRESID. – Ora, isso é muito relativo! *(Em outro tom.)* Veja o problema que você me arrumou! Preciso fazer alguma coisa! Não é possível que, por causa de

uma agitadora maconheira, eu vá enfrentar uma crise! (*Exaltando-se.*) Nem que eu tenha que usar uma divisão inteira do exército, eu dou um jeito nela!

MIN. 3 – Nem parece que é o senhor que está falando! Logo Vossa Excelência, que escreveu tantos artigos defendendo a liberdade de expressão!

PRESID. – Quantas vezes vou ter que repetir: “esqueçam tudo que escrevi”!

MIN. 3 – Não foi o senhor quem disse isso, Excelência!

PRESID. – Não? Não faz mal! Essa mulher que não brinque comigo! Mando todo o efetivo militar pra cima dela, se for preciso!

LING – (*Um ministro que ficou até agora em silêncio. Fala suavemente, com vagar.*) – Muitas vezes, Excelência, uma divisão inteira do Exército pode até atrapalhar.

PRESID. – Como assim?

LING – Por que se preocupar tanto em lutar contra Lisa Rock?

PRESID. – Ora, por quê? Se ela é uma ameaça! É um perigo!

LING – Quando o perigo é muito grande, o que pode acontecer?

PRESID. – Ora, fale de uma vez. Se tem alguma ideia, diga logo, não fica fazendo onda!

LING – Se me permitem uma pequena alegoria: o que acontece, Excelência, quando uma força irresistível encontra um obstáculo intransponível?

PRESID. – Como assim?

MIN. 1 – O que quer dizer isso?

MIN. 3 – Mas do que você está falando? Palhaço!

MIN. 2 – Estamos aí correndo o risco de quebrar a cara e ele vem com frescura!

PRESID. – Calma, senhores! Não é o momento para discussões de caráter pessoal! Se o companheiro Ling tem alguma ideia pra tirar a gente desse buraco, vamos escutar!

LING – É exatamente como falei, veneráveis senhores! O que acontece quando uma força irresistível encontra um obstáculo intransponível?

PRESID. – Porra, e como é que eu vou saber? (*Para um ministro.*) Você sabe? Eu não! Não tenho a menor ideia! (*Pausa. Ling se sente alvo de todas as atenções.*)

LING – Ninguém sabe? Ora, senhores, em meio a tantas cabeças ilustres, será que ninguém pode encontrar a resposta a uma pergunta dessas?

PRESID. – (*Tentando compreender.*) O que acontece quando uma força irresistível encontra um obstáculo intransponível? Não sei dizer! Não sei explicar o que acontece!

LING – (*Lisonjeiro.*) Brilhantemente respondido, Excelência! Parabéns por vossa brilhante dedução!

PRESID. – (*Perplexo.*) Mas que dedução, ô Ling? Eu não deduzi porra nenhuma!

LING – Vossa Excelência anunciou a resposta para nosso grande problema!

PRESID. – Está brincando comigo? Como é que eu ia enunciar a resposta, se não sei qual é?

LING – (*Triunfante.*) Porque a resposta é exatamente essa, Excelência! Se me perdoarem a redundância da expressão, a resposta não pode ser respondida, pois não pode ser expressa em palavras!

MIN. 1 – Diabo, do que ele está falando?

PRESID. – Para com essa enrolação! Você pode enrolar os nossos credores, mas a mim você não enrola!

MIN. 2 – Fala logo!

MIN. 3 – Resolveu ou não o problema?

LING – Parcialmente resolvido, veneráveis senhores. Repito a pergunta: o que acontece quando uma força irresistível como Lisa Rock encontra um obstáculo intransponível como nosso governo? Vossa Excelência encontrou a resposta certa quando disse que não podia responder. Acontece uma coisa indescritível.

PRESID. – Continuo na mesma. O que pode ser uma coisa indescritível?

MIN. 2 – (*Com um dicionário na mão.*) É uma coisa que não pode ser expressa em palavras!

PRESID. – Mas então o problema não tem solução! Se a coisa não pode ser descrita por palavras, não existe!

LING – Peço desculpas por discordar, veneráveis senhores. *(Fala com autoridade milenar.)* Experiência pessoal muito longa no trato de coisas e palavras me permite afirmar que a coisa indescritível pode existir. *(Presidente e ministros estão apalermados à sua volta.)* Deve ser uma coisa tão inesperada, tão absurda, que ninguém consegue descrever direito.

MIN. 1 – Uma coisa em que ninguém pensou antes!

MIN. 2 – Uma surpresa completa para Lisa Rock! Se conseguirmos colocar Lisa Rock numa situação fora do comum, neutralizamos o efeito dela!

PRESID. – Certo, rapazes! Agora é pensar nessa coisa! O que pode ser?

MIN. 3 – Algo absolutamente imprevisível!

MIN. 1 – Já sei! Vamos fazer uma homenagem a Lisa Rock!

VOZES – Homenagear a mulher?

MIN. 3 – Então! Ela vem para cá certa de que será recebida com hostilidade. E vai ter a maior surpresa. Ela e todo o mundo! Vamos homenageá-la! Damos um prêmio a ela!

MIN. 1 – Um prêmio por sua arte incomparável!

MIN. 2 – Isso! Homenageando Lisa Rock, ela fica desarmada! Sem argumentos contra a gente!

PRESID. – Brilhante! Como vai poder protestar contra nós, se estamos homenageando ela?

MIN. 1 – O protesto fica sem sentido!

MIN. 3 – Não vai poder reclamar de nada!

MIN. 2 – Ah! Com essa pegamos aquela sacana! Mau exemplo pra juventude!

PRESID. – Grande, Ling!

MIN. 1 – Parabéns, ministro!

PRESID. – Desta vez ela se estrepa! Quero ver a cara com que vai ficar!

MIN. 1 – E esses invejosos da imprensa internacional, que vivem gozando a gente, fazendo piadinhas? O que vão dizer agora?

MIN. 2 – No mundo inteiro aquela porra-louca cria baderna, faz bochincho, o diabo! Agora chega aqui, na República Imponderável, que eles vivem criticando, e cortamos a onda dela!

MIN. 3 – Nós somos duca!

O presidente e os ministros se abraçam num clima de grande animação.

Mudança de luz e som.

NARRADOR – E assim, para surpresa geral, // em vez de uma acolhida brutal, // a campeã da contestação // tem fabulosa recepção // no paraíso subdesenvolvido. // Oh! Quanta pompa! Quanto alarido!

PRESID. – É com muito orgulho que a República do Imponderável saúda Madame Lisa Rock, essa renomada artista internacional.

MINISTRO 1 – Ídolo da juventude mundial.

LING – É uma honra, Madame. Afinal, também já fomos jovens.

LISA – É mesmo? Ora, quem diria?

LING (*rindo*) – Oh, Madame tem muito *sense of humour*.

MINISTRO 2 – Mas não percamos tempo, pois há uma extensa lista de homenagens a Madame Rock.

LISA – Alguma coisa tá errada, // palavra que estou encucada, // essa gente me detesta // e prepara tanta festa! // Esperava ser xingada // e estou sendo badalada, // é um troço que não entendo, // penso, penso e não compreendo. // Tão a fim de me agradar, // querem até me premiar! (*Para eles.*) Olha, esse barato de homenagem não faz meu gênero, sabem? Meu negócio é trabalhar e contestar.

PRESID. – Claro, é o que sempre digo: o trabalho só enobrece...

MINISTRO 2 – Mas... *nobresse obrige*... o protocolo exige que uma artista como a senhora receba todas as honrarias a que tem direito.

LISA – (*Para a plateia.*) Honrarias não aceito// pois pra mim tem mau conceito,// mas não posso recusar// e ficar impopular.// Uma saída hei de achar// para os desmoralizar! (*Para eles.*) Não tou a fim de honrarias, mas, se é o que querem, podem começar liberando meus discos.

PRESID. – Oh, sim, certamente, se bem que, na verdade, eles não chegaram propriamente a ficar proibidos.

LISA – Como não foram proibidos? Saiu nos jornais do mundo inteiro!

PRESID. – Segundo meus assessores, o que houve foi basicamente um vazamento equivocado de informação, não é, Ling?

LING – Perfeitamente, Excelência. Meras conjunturas burocráticas e pontuais que já foram inteiramente superadas.

MINISTRO 2 – Em assim sendo, Madame, creio que podemos passar para a próxima etapa de nosso programa oficial.

PRESID. – Entregamos aqui a chave da cidade para a Madame.

LISA – Muito obrigada. Com isso vou poder abrir as portas das suas prisões, onde só entram preto, pobre e prostituta.

MINISTRO 1 – (*Risos.*) Madame, sempre espirituosa...

LING – Agora, convidamos a senhora para o banquete em sua homenagem.

LISA – Os senhores podem comer. Eu prefiro ficar em jejum, em solidariedade aos milhões de desempregados, de sem-terra e sem-teto que passam fome em seu país.

MINISTRO 1 – Oh, pois não... aceita um licorzinho?

LISA – Sou contra o álcool, porque entorpece nossos sentidos. (*Tira uma seringa da bolsa.*) Prefiro ficar na minha picada. Me deixa mais lúcida, sabe?

PRESID. – Oh, a lucidez é um dom dos deuses.

LISA – (*Para a plateia.*) Mas que pilantras sem igual,// nunca vi tanta cara de pau! (*Para eles.*) E agora, se não se incomodam, vou puxar o meu fumo.

MINISTRO 1 – Pode fumar à vontade, Madame.

LING – Inteiramente à vontade. Aqui não nos incomodamos com o que cada um faz.

PRESID. – A vida particular de cada um é problema só dele.

MINISTRO 2 – O governo não interfere nessas coisas.

LING – As minorias são livres!

MINISTRO 2 – Está apreciando o cigarro, Madame?

LISA – Não me chame de Madame. Não sou casada.

MINISTRO 2 – Oh, sim, certamente... é ainda uma mocinha...

LISA – Também não. Já deixei de ser virgem há muito tempo.

PRESID. – Naturalmente, uma jovem tão encantadora só tem que entusiasmar a moçada, fazer os rapazes perderem a cabeça.

LISA – *(Dando uma puxada.)* Não é só rapazes, não. Também já tracei muita garota, sabe?

PRESID. – Oh... *(Faz um gesto de quem acha compreensível.)* Alguma coisa mais?

LING – Outra picada?

MINISTRO 2 – Um cigarrinho?

LISA – Mas essa gente não se manca, // eu os escolhambo e não perdem a panca, // tá na hora de acabar com isso // e provocar um rebuliço. *(Para o presidente.)* Vossa Excelência é o perfeito anfitrião...

PRESID. – Oh, que bom... era exatamente essa minha intenção...

LISA – Já que me dão tanta liberdade // posso aproveitar a oportunidade // pra me sentir bem à vontade?

PRESID. – Oh, por favor, tenha a bondade...

LISA – *(despindo-se)* Em sendo assim, creio que não haverá nenhum mal // em me pôr inteiramente ao natural. *(Começa a se despir.)*

PRESID. – Oh...

LISA – Os senhores não vão se chocar com uma coisa dessas, espero...

PRESID. – Claro que não! *(Faz sinal para que os outros concordem.)*

MINISTRO 1 – Afinal... é natural...

LING – Nada mais natural que a nudez...

LISA – Fico contente que pensem assim. O corpo é a base de nossa existência. Sem o corpo, o que seríamos? Nada! Nosso corpo é a nossa verdade e nossa liberdade! E o corpo é mais ele, quando está nu. Nascemos nus. Nus perpetuamos a espécie.

MINISTRO 2 – Ahnnn... *(Pigarreia.)*

PRESID. – De fato, é isso mesmo.

LISA – Nus estamos mais perto da verdade. Eu, que sempre persegui a verdade com todas as forças, um dia espero mergulhar dentro dela em sua plenitude, até que a verdade e eu sejamos uma só coisa.

TODOS – Ah... sim... *(Perplexos.)*

LISA – Então, convido os senhores a tirar suas roupas comigo. Livrem-se delas e vamos todos, juntos, encontrar a grande verdade! *(Aproxima-se do presidente como quem vai despi-lo.)*

PRESID. – *(Apoplético.)* Chega! Assim já é demais! Mas que falta de compostura, que atrevimento! *(Lisa insiste, tentando lhe tirar a roupa.)* Pare, já disse! O que está pensando? *(Autoritário.)* Quem manda aqui sou eu e pronto! *(Para todos, incluindo a plateia.)* Liberalismo sim, mas só até certo ponto!

Confusão generalizada.

NARRADOR – Após esse agito sem igual// Lisa deixa correndo a capital.// Mas muito maior será a confusão// que irá armar bem no meio do sertão,// onde o governo pretende detonar// sua primeira bomba nuclear.// Pra impedir essa louca empreitada,// Lisa e a turma se infiltram entre a caboclada.

Mudança de luz e som. Lisa, Black, Lucas e Billy aparecem rastejando pelo chão, com várias bananas de dinamite nas mãos e muito fio enrolado. Em primeiro plano, um guarda. Pouco depois, aproxima-se um segundo guarda.

LISA – Não façam barulho! Estão com tudo aí?

LUCAS – Tudo comigo.

LISA – Então, cada um vai por um lado, coloca o explosivo e a gente se encontra aqui. Trouxeram fósforo?

BLACK – Claro!

LISA – Então vão indo! Cuidado que vem vindo alguém!

BILLY – Deve ser a troca de guarda.

LISA – Vai!

Lucas, Black e Billy saem rastejando, cada um para um lado. Lisa fica escondida.

GUARDA 1 – Tudo em ordi?

GUARDA 2 – Tudo joia. Já vai pegá nu serviçu?

GUARDA 1 – Vô. Quero saí mais cedu. Amanhã tenhu que i na cidade. Vou buscá minha TV a cores.

GUARDA 2 – Comprô no crediário?

GUARDA 1 – Que nada! Consórcio! Fui sorteado.

GUARDA 2 – Beleza. U que é o progresso, né?

GUARDA 1 – Coisa loca, sô. Capitão falô que até u fim du mês, metade das ruas lá da cidade vai tá asfartada. Tamu ficandu civilizadu.

GUARDA 2 – É memu. Diz que onti teve até congestionamento nu Largo da Matriz. Us motorista ficô tudo orguioso.

GUARDA 1- E num é prá ficá? (*Lisa tenta se arrastar.*) **O que foi isso?**

GUARDA 2 – Tem arguém ali. (*Vendo lisa.*) Ei, moça, num podi passá!

LISA – (*Jovial.*) Tudo bem estamos só puxando os fios prô nosso show. (*Black aparece.*)

GUARDA 2 – Cadê o crachá de ocêis?

LISA – Tá com ele. (*Indica Black and Black. Os guardas olham para ele.*)

LISA- Me atira o crachá! (*Black atira uma banana de dinamite com o pavio aceso para Lisa.*)

LISA – (*Para o Guarda 1.*) Segura um pouco.

GUARDA 1 – U que é isso?

LISA – Dinamite. É pra explodir essa usina.

GUARDA 1 – U quê? Tá louca, dona? (*Atira a banana nas mãos do outro guarda, que a atira de volta para Lisa. Os dois apitam.*)

LISA – Não, não estou louca! Loucura é esse trambolho infernal// suprassumo do mal// a serviço da poluição// e também da exploração! Já ouviram falar em ecologia? (*Atira a banana de volta para um deles.*)

GUARDA 2 – Ecologia? Quê que é isso?

GUARDA 1 – (*Assustando-se.*) É coisa de comunista! O capitão falou!

Os guardas apitam com mais força. Surgem Lucas e Billy.

LUCAS – Pronto. Está tudo ligado.

LISA – É agora, gente! (*Atira a banana de dinamite com o pavio aceso no fundo do palco.*) Todo mundo de mão dada! (*Assumem uma pose heroica.*) Energia nuclear, não!

Ficam esperando a explosão, que não vem. Silêncio profundo. Depois de algum tempo.

BLACK – Ué...

LUCAS – Mas o que aconteceu?

LISA – Por que essa droga não explode?

BLACK – Sei lá.

BILLY – O que será que houve?

LISA – Alguma coisa falhou.

BLACK – Mas não é possível! Era pra ter ido tudo pelos ares!

Pausa.

LISA – Gente, posso jurar que a terra tremeu.

BILLY – É mesmo! Eu também senti!

LUCAS – Vocês ouviram esse barulho? Parece uma bomba explodindo.

LISA – Onde?

LUCAS – Lá, bem longe! *(Aponta para um lado.)*

LISA – *(Ouvindo também.)* Ahn, ahn...

BLACK – Escuta! Uma outra explosão, desse lado. *(Ouvem-se explosões longe, muito longe.)*

LUCAS – E mais outra, do lado de lá!

BILLY – E de lá!

LISA- De lá, também!

Pequena pausa.

BLACK- É bomba por toda parte!

LISA – Parece que o mundo inteiro está explodindo!

BLACK – E como é que não aconteceu nada pra gente?

Olham-se intrigados.

BILLY – *(Um tom medroso.)* Lisa... será que a gente morreu?

LISA – *(Tom fulminante.)* Corta essa, panaca!

Acende-se a luz num outro lado do palco sobre o presidente. À medida que ele vai falando, apaga-se a luz sobre Lisa e sua trupe.

PRESIDENTE – *(Falando para a TV, num tom grave e urgente.)* Minha gente, sinto-me no dever de informar que nossa usina nuclear Candango Um acaba de sofrer um atentado terrorista que visava detonar nossa bomba atômica antes do momento previsto. *(Feliz.)* Mas Deus, mais uma vez, estava do nosso lado e graças a algum bendito defeito de fabricação, a bomba não explodiu. *(Num tom animado.)* Suas vibrações, no entanto, provocaram uma reação em cadeia que ativou outras bombas atômicas em todo o mundo *(mal acreditando no que aconteceu)* e tudo explodiu e o resultado é que agora não há mais grandes potências nem países subdesenvolvidos. Agora estamos todos na mesma merda!

Apaga-se a luz sobre o presidente enquanto ouvem-se várias bombas explodindo. A fumaça toma conta do palco e, quando começa a se dissolver, surge uma figura estranha, com a aparência de um velho feiticeiro, cabelos longos, barba branca, sobre o corpo uma velha toga esfarrapada. A personagem, que transmite um ar de selvagem majestade, dirige-se ao público.

JUIZ – Não me reconhecem? Sou Justus Justissimus, o juiz que condenou Lisa Rock. Quando a conheci, eu era um magistrado da Corte Suprema, com uma série de ensaios publicados nas melhores revistas especializadas, nos quais demonstrava de forma incontestável minha tese de que o nosso sistema era o mais perfeito de todos, pois sua sublime arquitetura refletia a Beleza Eterna da Ordem. Acho que essa frase foi um pouco mais longa do que deveria. Merda. Nunca fui capaz de perder o gosto pela retórica. *(Bebe de uma garrafa.)* Eu era

altamente respeitado em meu país e no exterior. Hoje, graças a Lisa Rock, superei tudo isso. Condenei Lisa Rock em nome do mais sagrado dos princípios, o princípio da Ordem. E depois vi que estava errado, porque uma ideia começou a germinar no meu cérebro, de que a Ordem era algo perverso e antinatural. Essa é uma verdade evidente, no entanto, se não fosse por Lisa Rock, eu jamais a teria percebido. O verdadeiro fundamento da Natureza é a Desordem, e a esse respeito escrevi um magnífico tratado jurídico – A Natureza Intrínseca da Desordem –, que foi recusado pelos idiotas das grandes editoras e levou meus colegas de tribunal a rirem nas minhas costas. Não faz mal. Aqui, em meio aos destroços da América Real, vivo feliz. O livro foi mimeografado pelo pessoal e circula por aí, apesar de alguns lamentáveis erros de revisão. Algumas vezes, a moçada usa as folhas do livro para enrolar seus cigarrinhos e, quando vejo aquela fumaça subir pelo ar, sinto que minhas ideias estão se misturando com os elementos da Natureza, e isso é bom, pois afinal é da Natureza que elas saíram e a Natureza é boa. Os homens civilizados é que estragavam tudo. Ciência e virtude são incompatíveis, porque todas as ciências têm uma origem ignóbil. A astronomia vem da superstição, a química nasce da promiscuidade e da lascívia e a física vem do autoritarismo e da repressão. O homem civilizado é apenas um selvagem que não deu certo.

Surgem Lisa e sua trupe, vestidos como uma tribo estranha, mistura de neo-hippie com ficção científica. Juntam-se ao juiz.

BLACK – Aqui levamos uma vida tranquila.

LISA – Aqui, em comunhão com a Natureza, esperamos o momento certo para tomar posse do mundo que nos pertence. *(Lisa está grávida.)*

LISA – A gente precisa curtir as coisas como elas são. É dentro de você que estão as coisas essenciais. A água, por exemplo.

BLACK – A água é o princípio de tudo.

LUCAS – A vida começou da água.

BILLY – A vida é água.

BLACK – A verdade é água.

LISA – Olha bem. Você está vendo a água, Billy?

BILLY – Estou, Lisa.

LISA – Está curtindo a água?

BILLY – Estou curtindo legal.

LISA – *(Algo desconfiada.)* Fala a verdade, Billy. Está sentindo mesmo ela?

BILLY – Pô, Lisa, nunca pensei que a água era tão legal assim.

LISA – Olha bem, Billy.

BILLY – Tô olhando firme, Lisa.

LISA – Então? O que você vê?

BILLY – *(Receoso.)* Vejo a água, Lisa.

LISA – *(Algo irritada.)* Sei que você vê a água. *(Em outro tom.)* Mas o que você vê no meio dela? Ali, escondido entre as moléculas?

BILLY – *(Receoso de novo.)* Eu vejo você, Lisa.

LISA – *(Quase áspera.)* E que mais?

BILLY – *(Quase chorando.)* Mais nada. Deve ser porque a água é incolor.

LISA – É nada! Isso é o que diz a ciência mentirosa!// Mas a água não é só// tão somente H dois Ó,// ela é mais, é muito mais.// Olhe bem pro meio dela,// é o ponto de partida,// razão de ser de toda vida.// Tá vendo, Billy? Tá vendo tudo isso no meio da água?

BILLY – *(Com medo de errar.)* Acho que estou, Lisa.

LISA – Olha com mais força. E agora? Acho que está melhor *(Tira os óculos dele.)*.

BILLY – Meus óculos! O que você fez?

LISA – Estavam te atrapalhando! Essas porcarias da tecnologia!

BILLY – Não estou vendo nada, Lisa! Estou cego!

LISA – É a nova visão que está nascendo! Logo você vai ver tudo!

BILLY – Tem certeza?

LISA – Você não confia em mim?

BILLY – Confio, Lisa.

LISA – Então, como é? Está vendo agora?

BILLY – Estou, Lisa! Melhor do que via antes! *(Anda pelo palco e dá vários tropeções.)* Tô vendo tudo que você falou! Legal!

Passam uma concha com água de mão em mão.

LISA – Com essa água eu te molho, irmão.

BILLY – Com essa água eu te molho, irmã.

LISA – Com essa água te faço vida.

BILLY – Com essa água te faço verdade.

LUCAS – Com essa água te faço água.

BILLY – Olha uma gota! Uma gota d'água!

LISA – Gente, eles estragaram as cidades e as pessoas! Acabaram com as baleias e as florestas. Não podemos deixar que acabem com a água também.

Passa um turista.

LUCAS – Água e amor, bicho!

TURISTA – Vai tomar banho, vagabundo! Vocês precisam é de um bom sabonete.

LUCAS – Não usamos mesmo esses sabonetes sujos e industrializados!

LISA – Isso é antinatural! *(Pausa.)* Acho que vou curtir essa água para sempre. Me transformar num estalactite. Já pensou? Ficar debaixo de um fio de água, até virar estalactite. Coisa mais linda, virar mineral// curtir nossa vida// assim protegida...// não é genial?

TODOS – Mãe água!

Mãe água!

Enfim te encontrei

Junto de ti

Até o fim ficarei!

(Beijam uma gota d'água que cai lentamente.)

Mãe água!

Mãe água!

A suave gota d'água transforma-se num aguaceiro. Eles correm para se proteger. Trovoadas.

LUCAS – Chuva filha da puta!

NARRADOR – Como podem ver, Lisa se encontra em estado interessante. O que, aliás, a ninguém deve espantar.// Pois, afinal, para quem o amor é uma constante,// difícil mesmo seria não engravidar.// O nome do pai, entretanto, não foi revelado// e, como os amigos são discretos, nem lhe foi perguntado.

LISA – Ei, você!

NARRADOR – Quem, eu?

LISA – Claro! Quem mais poderia ser? Me faz um favor, meu caro narrador. Você, um cara tão informado,// que tudo conhece de meu passado,// pois conta minha história tão bem,// vê se esclarece uma questão// que, pra mim, está sem solução.// Pode me dizer com toda segurança// quem é o pai dessa criança? *(Lisa faz a pergunta quase em surdina.)*

NARRADOR – Ora, se nem você parece saber,// como poderia eu responder?

LISA – Perguntei por curiosidade. Tudo bem. // Na verdade, tanto faz quem é o pai do neném.// Daqui pra frente, meu único pensamento// será a felicidade do meu rebento.

NARRADOR – Semanas depois, ocorria o nascimento – uma linda menina –// e chega o importante momento// em que sua filha Lisa vai registrar.// O que ela não imagina// é o problemão que vai enfrentar.

LISA – *(Acompanhada pelo juiz.)* Quero registrar minha filha.

ESCRIVÃO – Nome?

LISA – Nome? “Eu”.

ESCRIVÃO – Perguntei qual o nome dela.

LISA – Já disse. O nome dela é “Eu”.

ESCRIVÃO – Isso não é nome.

LISA – Por que não é nome?

ESCRIVÃO – Porque nunca vi um nome assim.

LISA – Isso é um problema seu. O nome dela não vai deixar de ser nome só por causa disso.

ESCRIVÃO – A senhora é aquela cantora, Lisa Rock, não é?

LISA – Sou. E esta é minha filha, “Eu”, que quero registrar.

ESCRIVÃO – Sinto muito, mas não posso registrá-la com esse nome. Nunca ouvi um nome desses.

Lisa olha para o juiz pedindo ajuda.

JUIZ – O senhor já ouviu alguma vez o nome Teophrastus Esculapius Meridianus Terceiro?

ESCRIVÃO – Como?

JUIZ – Teophrastus Esculapius Meridianus Terceiro. O senhor já ouviu esse nome?

ESCRIVÃO – Nunca.

JUIZ – Muito bem. E se eu aparecesse aqui, querendo registrar alguém com esse nome, o que o senhor diria?

ESCRIVÃO – Não estou entendendo...

JUIZ – Iria dizer que não era um nome, só porque nunca ouviu antes? Responda, por favor.

ESCRIVÃO – Não.

JUIZ – Foi o que pensei. Então queira registrar a filha da jovem com o nome que ela escolheu.

ESCRIVÃO – Não é a mesma coisa. Não posso registrar ninguém com um nome desses. A senhora sabe como são as coisas.

LISA – Não sei. Se há uma coisa que realmente não sei, é saber como são as coisas.

ESCRIVÃO – Minha senhora, estão tomando meu tempo. Por favor, tenho meu trabalho para fazer.

LISA – E eu tenho minha filha única para registrar. Se isso está demorando mais do que devia, não é nossa culpa. Se dependesse de mim ou do juiz, ela já estaria registrada desde que chegamos aqui.

ESCRIVÃO – Pela última vez, não vou fazer esse registro.

LISA – Por causa do nome?

ESCRIVÃO – Sim!

LISA – O que há de errado com o nome? Ele é desagradável?

ESCRIVÃO – Não...

LISA – Foi o que imaginei. É ofensivo? Pejorativo?

ESCRIVÃO – Minha senhora, não é isso.

LISA – O que é então?

ESCRIVÃO – Esse nome pode criar confusão.

JUIZ – Enfim, um motivo. Vejamos se é procedente. Quantas pessoas com o nome de “Eu” o senhor conhece?

ESCRIVÃO – Ora, claro que nenhuma!

JUIZ – Então, como semelhante nome poderia levar seu dono a ser confundido com outra pessoa?

ESCRIVÃO – Não sei. Não sei mais nada.

LISA – Assim, tendo em vista tudo que foi exposto, ou o senhor registra a menina com esse nome, ou levamos a questão aos tribunais ou o que sobrou deles.

ESCRIVÃO – Sempre ouvi dizer que a senhora era teimosa, mas jamais poderia imaginar que fosse assim.

LISA – *(Sorridente.)* É uma questão de ponto de vista.

ESCRIVÃO – Aqui, entre nós: Por que a senhora quer dar esse nome à sua filha?

LISA – Porque ela vai ser livre! Completamente livre! Não será como eu, que tive de lutar contra tudo! Quando for adulta, “Eu” nada terá que a prenda a esse mundo absurdo de hoje! Nenhum laço! Nenhum vínculo! Nem mesmo um nome imposto a ela por outra pessoa! Para que um nome? Como as pessoas podem ter a pretensão de dar um nome a alguém? Mesmo a uma coisa? *(Mostra uma rosa ao escrivão.)* O que é isso?

ESCRIVÃO – Uma rosa.

LISA – Errado, “Rosa” é o nome que damos a essa flor. Mas sua beleza já existia muito antes que inventassem o nome “Rosa.” Assim será com minha filha. Ela será o que é. Por isso, se chama “Eu.”

ESCRIVÃO – Muito bem. *(Faz o registro.)*

NARRADOR – Enquanto “Eu” crescia, // a civilização dos escombros renascia. // E Lisa tudo fazia // pra ver se a filha seguia // seu exemplo de rebeldia // e se empenhava, e ensaiava e explicava e insistia, // como penava e padecia. // Mas será que “Eu” tais mandamentos seguia? Ou por acaso a menina, // tal como a mãe, // a tudo desobedecia? É o que veremos.

EU – Mamãe!

LISA – Que foi?

EU – Preciso dizer uma coisa para a senhora.

LISA – Já disse para não me chamar de senhora. Me chame de você.

EU – Como a senhora quiser!

LISA – Pois não quero! Onde se viu uma mulher adulta chamar a mãe de senhora?

EU – Ainda não sou uma mulher, mamãe. Apenas uma mocinha. Mal completei 17 anos.

LISA – Dezesete anos! Se soubesse o que eu já tinha feito com essa idade! Não sei o que há de errado com você.

EU – Também não sei, mamãe. Palavra. Talvez, se nos esforçássemos bastante, poderíamos descobrir o que há de errado em nosso relacionamento.

LISA – Mas que papo é esse? Isso é modo de falar com sua mãe?

EU – Sinto muito se a desaponto, mãezinha. Gostaria de só lhe dar alegrias.

LISA – *(Irritando-se, disposta a dar um paradeiro nessas sandices.)* Eu!

EU – Sim, mamãe?

LISA – Responde uma coisa.

EU – Pois não, com todo prazer.

LISA – *(Olhando para o céu.)* Não é possível! Preste bem atenção! Você tem algum motivo de queixa contra mim!

EU – Claro que não, mamãe.

LISA – Alguma vez dei motivo para você ficar com raiva de mim?

EU – *(Feliz.)* Nunca. A senhora sempre foi uma ótima mãe.

LISA – *(Furiosa.)* Está errado! Não é isso que você devia responder! Tinha que dizer que sempre fui uma péssima mãe! Que te reprimo, te censuro, te sufoco e te esmago! Vamos, experimente!

EU – O que, mamãe?

LISA – Repita, comigo! “Você não me compreende! É autoritária e repressora!”

EU – *(Timidamente.)* “Você não me compreende! É autoritária e repressora!”

LISA – Que desastre! Uma conformista completa!

EU – Desculpe, mamãe.

LISA – Como isso aconteceu? Onde foi que errei? (*Furiosa.*) Como você justifica isso?

EU – Não tenho justificativa, mamãe. Sou muito grata por tudo que fez por mim. Peço que me desculpe se não correspondi.

LISA – Não me faltava mais nada// ter uma filha tão quadrada!// Já nem sei o que fazer,// isso é de enlouquecer.// Eu! Eu! Eu! Eu! Por ela tudo pensei, até seu nome planejei!// Eu! Eu! Eu! Eu! Com um nome lindo assim,// é pra nunca dizer sim,// devia ser sempre Não e Não e Não!// Mas pra ela só existe o certo!// Está sempre tudo bem!// Deus do Céu, é incapaz de um protesto!// Eu! Eu! Eu! Eu!// Deus do Céu, mas o que me aconteceu?

EU – Embora seja sua filha,// sigo uma outra cartilha,// me desculpe, mamãe! Com valores diferentes,// não sou dada a repentinos,// é assim que sou Eu.// Viverei resignada,// boazinha e calada,// pois sou feita assim// e só sei dizer sim!

LISA – Chega de frescura! Já passou dos limites! Essas coisas não acontecem! Isso é falso, gratuito e arbitrário! Não é justo, tinha de ser o contrário!// Agora escute, minha filha, estou falando pra valer! Em você existe carne,// pulam nervos, corre sangue,// essa dobra do joelho,// esse par de cotovelos,// essa perna que se mexe// bem por baixo desse pano,// isso é marca do real,// é indício do humano.// Não se trata de ficção,// muito menos abstração.// Você é gente// que sente,// que pensa,// que vence,// que perde,// que merda,// que luta,// que puta,// que santa,// que canta,// que vive,// que morre,// que viva,// que porra! (*Em outro tom.*) Gente é um troço muito sério.// Um ser humano não é algo tão aéreo// pra proceder assim,// e logo pra cima de mim! Eu me sinto fracassada,// vivo quase olvidada,// de há muito não sou famosa,// ironizada em verso e prosa,// de toda parte me escorraçaram,// minha arte censuraram,// de alto e baixo, de leste a oeste,// da Rodésia a Bucarest,// de norte a sul, de costa a costa,// o Universo é uma bosta!// Eu que sempre contestei// e tudo desprezei,// tanto a glória como a reverência,// conservo só minha coerência,// mesmo que seja contraditória,// é esse meu escasso legado// que, espero,// você tenha herdado,// portanto,// faça como quiser: conteste, provoque, questione, reclame// ou, se assim lhe aprouver,// refaça ao contrário// meu longo itinerário.// Em vez de ativista, seja oportunista// e –

suprema abjeção! – troque o protesto pela badalação!!! Seja o que Deus quiser!!! Dado que, para o bem ou para o mal, // você será, afinal, // como o nome que recebeu // Eu! Eu! Eu! Eu!

Lisa encara “Eu” esperançosa. Pausa de constrangimento. Enfim, “Eu” cria coragem.

EU – Mamãe, era isso que eu estava querendo dizer. Sempre obedeci à senhora em tudo, pois nunca tive motivo de me queixar. Mas – nem sei como dizer – cometi uma desobediência.

LISA – Você me desobedeceu? É verdade?

EU – (*Pressurosa.*) Sim, mamãe... Não queria contrariá-la, mas não pude evitar. Foi um impulso muito forte.

LISA – (*Readquirindo o ânimo das grandes passeatas.*) É assim mesmo, minha filha, não se preocupe! Não imagina como estou feliz. Você me desobedeceu! Nem tudo está perdido! O que você fez?

EU – Mudei meu nome.

LISA – Ahn?

EU – Não gostava dele, mamãe. Nunca me senti bem usando aquele nome.

LISA – Por quê? Não é um nome bonito? Sonoro?

EU – Sim, e fico agradecida, mas – me dava muita responsabilidade. Por isso, nós decidimos trocá-lo.

LISA – Nós, quem?

EU – Meu noivo e eu.

LISA – Seu noivo?

Entra em cena Cândido, o noivo de “Eu”.

LISA – Quem é você?

CÂNDIDO – Boa tarde, minha senhora. Meu nome é Cândido Prudente da Silva Smith, e sou o ideal dos estatísticos, pois sempre me comporto exatamente de acordo com o esperado. Sua filha e eu nos gostamos moderadamente, e queremos nos casar para levar uma vida tranquila e pacífica, sem nos preocuparmos em absoluto com os problemas dos outros, que não nos dizem respeito. Sei perfeitamente que este não é o melhor dos mundos possíveis, mas sei também que é o único mundo existente. Portanto, vamos deixá-lo como está para ver como é que fica. Sua filha, depois de casada, deixará de usar esse nome extravagante para ser conhecida apenas como a senhora Silva Smith. Esperamos que abençoe nosso casamento, mas, se não abençoar, compreenderemos perfeitamente sem ficar aborrecidos por causa disso.

Dão-se as mãos e saem de cena sorridentes e felizes. Lisa, sozinha, explode num lamento que, em outras épocas e latitudes, poderia ser chamado de trágico.

Ai de mim, que essa foi demais!
Minha filha, você acabou com a minha paz!
Eu, que mil perigos enfrentei,
e o combate nunca recusei,
até hoje tudo encarei. Mas essa, não!
Gente, até parece maldição!
Minha filha, sabe o que fez?
Arrasou comigo de uma vez!
Como se não bastasse
renunciar à liberdade,
abrir mão da individualidade!
Seu próprio nome! Eu! Eu! Eu!
Até isso você perdeu!

Lisa sai de cena, ou então fica no fundo do palco. De costas para a plateia, sentada, como se tivesse sido desligada de tudo. Longa pausa. O Narrador, o Juiz, Black, Lucas, Thomas e Billy reúnem-se no centro do palco. Conversam entre si, dirigindo algumas frases para a plateia.

LUCAS – Pobre Lisa Rock.

THOMAS – O que é a ingratidão!

NARRADOR – Foi um rude golpe.

Pausa.

BLACK – Depois dessa tragédia, ela nunca mais seria a mesma.

JUIZ – Não é para menos.

BILLY – Voltou-se cada vez mais para dentro de si.

BLACK – De certa forma, deu a volta por cima.

LUCAS – Como disse um crítico, atingiu a verdadeira depuração de seus meios expressivos.

NARRADOR – Em outras palavras, encontrou a maturidade.

THOMAS – Tem razão. Pois foi quando criou suas obras mais inspiradas.

Acende-se um foco de luz sobre Lisa, agora de frente para a plateia.

LISA – Ouçam esse esplendor! É a música que abre as portas do Paraíso! (*Cantarola os acordes iniciais da Quinta Sinfonia de Beethoven.*) Agora, escutem os sons do mundo que virá depois da melhor das revoluções possíveis! (*Entoa o começo da Sinfonia n° 41, “Júpiter”, de Mozart.*) Finalmente, o murmúrio da Eternidade! (*Agora, os acordes iniciais das “Quatro Estações”, de Vivaldi.*)

LUCAS – O cerne de sua arte.

NARRADOR – De qualquer arte.

BLACK – Um verdadeiro testamento musical.

THOMAS – Obras-primas imortais.

JUIZ – (*Comovido.*) A “Quinta” de Beethoven; a “Júpiter” de Mozart e “As Quatro Estações”, de Vivaldi.

NARRADOR – A quintessência da expressão musical.

JUIZ – Infelizmente, todas já tinham sido compostas muito antes que ela nascesse.

BLACK – Ela nunca poderá saber isso.

LUCAS – Não resistiria ao choque.

JUIZ – Fiquem tranquilos. Este é um segredo que eu guardarei para sempre.

NARRADOR – E assim foi. Lisa nunca soube que suas obras-primas, na verdade, não eram dela. Seus fiéis amigos esconderam até o fim a triste verdade. Mas não conseguiram esconder a indisfarçável diminuição de seu prestígio. Num derradeiro esforço para se comunicar com uma juventude que dela já se desinteressara, Lisa começa a usar microfones e amplificadores costurados em sua roupa.

Lisa surge com um enorme amplificador costurado na roupa. É uma figura assustadora.

LISA – É pra chegar ao fundo dos outros, bicho!// Pois esse mundo, pra mim, é um lixo.// Abaixo essa sociedade em que é tudo massificado, adulterado, globalizado!// O pessoal é sempre enganado!// Até o LSD que vendem está detonado!

NARRADOR – Devido ao uso do amplificador, Lisa fica surda de um ouvido depois de dois meses. Para compensar a perda parcial da audição, passa a usar mais um amplificador, ficando com um peso de aproximadamente cem quilos. A saúde fica seriamente abalada.

LISA – Não vou parar de protestar,// a sociedade é preciso consertar,// o mundo assim vai estourar,// como está não pode continuar,// desse jeito vai tudo dançar,// pelos ares vamos todos voar,// nos arrebentar,// nos estraçalhar. (*Durante essa canção, Lisa dirige-se a vários transeuntes que, assustados com sua aparência e com o barulho, dão-lhe as costas.*)

NARRADOR – Mas seu grito de protesto provoca apenas indiferença. Uma noite, vagando sem ser reconhecida pelas ruas da capital onde, anos

antes, arrastava multidões a seus *shows*, tropeça e bate com a cabeça num poste telefônico.

LISA – Ai, que dor mais infernal, // eu me sinto muito mal, // que cefaleia mais brutal, // não estou nada legal. (*Deita-se para descansar, os amigos ficam à sua volta.*)

LUCAS – Tome uma aspirina para aliviar a dor.

LISA – Essas drogas não vou tomar, // pois não quero me viciar. // Aspirina, Cibalena e Melhoral, // sei que fazem muito mal. // Ouvi dizer que são drogas terríveis // com efeitos imprevisíveis, // e não quero me viciar!

BILLY – Mas Lisa, aspirina nunca fez mal a ninguém!

LISA – E tampouco faz o bem! // Se essas drogas eu tomar, // a juventude o que irá pensar? (*Em outro tom.*) Ô Lucas, dá um jeito no amplificador, porque acho que pifou. Não estou escutando minha voz.

LUCAS – Coitada! Ficou surda do outro ouvido.

LISA – O que você disse? Fala mais alto! (*Em outro tom.*) Ah, eu me sinto muito mal! // Dor assim não tem igual, // mas aspirina não posso tomar!

NARRADOR – E assim, recusando até o último momento todos os comprimidos, Lisa morre vitimada por uma simples dor de cabeça, em meio ao silêncio que tanto combatera.

A trupe de Lisa retira os amplificadores de sua roupa e a carrega num estrado.

Black and Black se dirige à plateia.

BLACK – Em homenagem a Lisa Rock, teremos agora um minuto de barulho absoluto!

Ouve-se a voz de Lisa cantando “Quero fazer a melhor de todas as revoluções possíveis” a todo volume.

Publicado em 06/05/2019